

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

VICTOR CLAY BARROS DE JESUS

CAMPESINATO, CLERO E REBELIÃO: A REVOLTA CAMPONESA DE 1381

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2019**

VICTOR CLAY BARROS DE JESUS

CAMPESINATO, CLERO E REBELIÃO: A REVOLTA CAMPONESA DE 1381

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Orientador:

Professor Dr. Bruno Gonçalves Alvaro.

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2019**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus avós João Maurício, Maria Gilza e à minha mãe Karla Simone por tudo que fizeram para me proporcionar a estar nesse momento enquanto um graduando em um curso de nível superior por uma instituição federal. Agradeço também à minha irmã, Victória, por todo apoio.

Agradeço à minha namorada e companheira Adriana Guimarães, por todo o apoio e paciência nesta reta final de monografia.

Ao meu orientador, Prof^o Dr. Bruno Gonçalves Alvaro, por toda orientação e conhecimento passados nesses anos enquanto discente, monitor, bolsista de Iniciação Científica e todos os outros projetos de extensão e atividades ao longo dessa jornada acadêmica que realizamos enquanto orientador e orientando, culminando neste trabalho de conclusão de curso aqui apresentado.

Agradeço ao Levante Popular da Juventude Sergipe, à Consulta Popular e ao Coletivo Felisbelo Freire e todos aqueles que construíram junto comigo no movimento estudantil durante esses anos de graduação. Em especial, meu agradecimento à Marina Suzart, Lucilo Costa, Paloma Oliveira, Osvaldo Ferreira e Mércia Cardoso representando todos eles.

Agradeço a todos os amigos, em especial a Igor Moreno, Vanessa Gusmão, Márcio Teixeira, Bruno Matos, Felipe Garcia, Lucas Varjão e Karol Varjão. Agradecimento especial também aos amigos de turma, que caminharam junto comigo nesta jornada desde 2013, em especial Maquerle Santos, Rayna Olinda e João Freire.

Agradeço aos colegas do grupo de pesquisa *Dominium: Estudos sobre Sociedades Senhoriais*, por todas as atividades, debates e projetos realizados pelo grupo, sendo de grande ajuda para o meu desenvolvimento acadêmico e intelectual.

“A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente”.

March Bloch.

RESUMO

JESUS, Victor Clay Barros de. **CAMPESINATO, CLERO E REBELIÃO: A REVOLTA CAMPONESA DE 1381**. Sergipe, 2019. Monografia. – CECH (Centro de Educação e Ciências Humanas) Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2019.

Este trabalho apresenta uma análise da Revolta Camponesa de 1381 na Inglaterra, buscando entender as suas causas, motivações, objetivos, os seus atores e suas ações bem como a resposta das classes dominantes quanto à rebelião camponesa. Buscando contextualizar a Inglaterra do século XIV, analisamos os reinados de Eduardo III e Ricardo II e os grandes eventos ocorridos no período, como A Grande Peste de 1348 e a Guerra dos Cem Anos (1337-1453) e seus impactos na eclosão do movimento. Além disso, realizamos uma breve análise da situação fundiária da Inglaterra durante a baixa Idade Média, bem como analisamos brevemente os movimentos de massa do período, em especial as *Jacqueries* francesas de 1358. Também neste trabalho, buscamos analisar a questão religiosa na Inglaterra nos períodos que antecedem o movimento, especificamente as ideias do teólogo John Wyclif. Além disso, buscamos compreender a participação do baixo clero no movimento camponês, com destaque para atuação do padre John Ball, considerado um dos principais líderes do movimento revoltoso e conhecido por seu famoso sermão aos camponeses, aonde ele teria cunhado a célebre frase “Enquanto Eva arava e Adão caçava, quem então era o senhor?”.

A metodologia desta Pesquisa de Monografia consistiu na leitura e análise da obra de Thomas Walsingham intitulada *Chronica Maiora* (1376-1422) bem como da leitura e análise da bibliografia especializada sobre o tema.

Palavras-chave: Campesinato, Clero, Revolta, Idade Média

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I – CONTEXTO GERAL DA INGLATERRA DO SÉC. XIV.....	10
1.1 – CONTEXTO GERAL.....	10
1.2 A TERRA.....	17
1.3 MOVIMENTOS DE MASSAS NA IDADE MÉDIA.....	19
CAPÍTULO II – CLERO E REBELIÃO.....	23
2.1 – CONTEXTO GERAL DA IGREJA MEDIEVAL.....	23
2.2 – AS IDEIAS DE JOHN WYCLIF.....	24
2.3 - OS PADRES JOHN BALL E JOHN WRAWE.....	30
CAPÍTULO III – A REVOLTA CAMPONESA DE 1381.....	36
3.1 - LOCALIZAÇÃO ESPACIAL DA REVOLTA.....	36
3.2 – AS CAUSAS.....	38
3.3 – OBJETIVOS DA REVOLTA.....	43
3.4 – A COMPOSIÇÃO SOCIAL DAS FORÇAS CAMPESINAS.....	46
3.5 - A REAÇÃO E A CONTRAOFENSIVA DA COROA INGLESA.....	48
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS.....	56

Introdução

A Revolta Camponesa de 1381 na Inglaterra, também conhecida como Revolta de Tyler, é conhecida como uma das grandes revoltas antisenhoriais do período medieval, juntamente com as *Jacqueries* Francesas de 1358. Ficou para a História com uma das revoltas mais impactantes do período apesar de sua curta duração, tendo em seu curso ocorrido a morte de grandes senhores e inclusive de bispos considerados inimigos do povo e do movimento camponês. Os mesmos camponeses tiveram força suficiente para chegar a Londres, capital do reino, e para parlamentar com o rei e sua corte por duas oportunidades, para que pudessem ser ouvidos e tivessem seus objetivos acatados, o que conseguiram parcialmente no início do movimento. O levantamento inglês conseguiu assustar a elite inglesa do período e para nós contemporâneos demonstra claramente que o senso comum de passividade e aceitação daquela sociedade tripartite por parte daqueles que estavam em sua base não é inteiramente correto. O sermão do padre John Ball e sua famosa frase que serviram de inspiração para este trabalho monográfico, “Enquanto Eva arava e Adão caçava, quem então era o senhor?” traduz de forma clara a forte insatisfação com a condição e o estado das coisas naquele momento.

A motivação deste trabalho surgiu com a descoberta do sermão do padre Ball e de sua famosa frase, questionando a organização sociedade em que vivia de forma contundente. A outra motivação deste trabalho partiu da vontade de trabalhar com um tema sobre o período medieval que de alguma forma contribuísse com questões atuais, e inspirado também por trabalhos realizados durante a graduação, como uma resenha da obra do historiador carioca Mario Jorge da Motta Bastos intitulada “*Assim na Terra como no Céu...: Paganismo, Cristianismo, Senhores e Camponeses na Alta Idade Média (Séculos IV-VIII)*” aonde o mesmo faz uma análise da senhoriação da península ibérica e sua relação com a cristianização da mesma, focando na análise das formas de resistência, reprodução e dominação camponesas em seus embates com a Igreja, demonstrando a possibilidade e a capacidade de uma análise marxista sobre o período medieval.

A análise de movimentos camponeses se faz bastante necessária na medida em que, estudando as formas de resistência e combate utilizadas no passado, mesmo em sociedades pré-capitalistas como é o caso desta aqui estudada, e utilizando uma ideia de

função social do conhecimento, podemos contribuir com as formas de resistência campestre nos dias de hoje, frente ao avanço do agronegócio e da relação desigual entre pequenos trabalhadores do campo e grandes latifundiários existente no nosso país e em todo o mundo, sob a dominação do sistema capitalista. Esperamos também contribuir com o avanço da compreensão de grupos considerados inferiores, excluídos historicamente das decisões de poder e durante muito tempo também excluídos do debate historiográfico, para que possamos dar luz a esses indivíduos e seus movimentos coletivos.

Neste trabalho, buscaremos de modo geral entender a Revolta Camponesa, suas motivações e objetivos, e de forma específica analisar a figura do padre John Ball e sua atuação dentro do movimento campestre, analisar também as formas de negociação e resistência utilizadas pelos camponeses bem como compreender a reação senhorial e da monarquia inglesa.

No primeiro capítulo, será feita uma contextualização geral da época, analisando brevemente os reinados dos dois monarcas mais próximos e com influência direta na eclosão do movimento, sendo eles Eduardo III (1327-1377) e Ricardo II (1377-1399), bem como a influência dos dois grandes eventos vivenciados pela sociedade inglesa durante o século XIV, a Grande Peste de 1348 e a Guerra dos Cem Anos (1337-1453) com a França. Em seguida, é feita a análise da situação concernente à posse da terra na Inglaterra do século XIV. Neste capítulo, também é feito o debate sobre movimentos de massas na Idade Média, em especial sobre as *Jacqueries* francesas. Prosseguindo, no segundo capítulo é realizada a análise da participação do aspecto religioso do movimento, primeiramente analisando o quadro da Igreja no geral e debatendo a participação do baixo clero no levante campestre, partindo então para a análise de John Wyclif e sua possível influência nas ideias do padre John Ball, e em seguida a análise da atuação de Ball durante a revolta e de outro líder do movimento campestre oriundo do baixo clero, denominado John Wrawe.

No terceiro e último capítulo, é feita a análise da revolta campestre de forma mais detalhada, analisando as causas e motivações da rebelião campestre, as formas de negociação e resistência utilizadas pelos revoltosos bem como suas ações, a composição geral das forças campestres, seus objetivos e suas petições como também é realizada análise da contraofensiva realizada pela coroa e pela nobreza.

A metodologia deste trabalho consistiu na leitura e análise da *Chronica Maiora* (1376-1422) de Thomas Walsingham, considerado a maior autoridade para o estudo deste

período da História inglesa, utilizada aqui como nossa fonte documental, estudada paralelamente com a análise e leitura da bibliografia especializada, com destaque especial ao trabalho do historiador inglês Rodney Hilton intitulado “*Siervos Liberados*”, considerada como uma das obras fundamentais para compreensão deste tema.

CAPÍTULO 1 – CONTEXTO GERAL DA INGLATERRA DO SÉCULO XIV

1.1 – CONTEXTO GERAL

Tendo este trabalho como recorte temporal o ano da revolta de 1381, se faz necessária uma contextualização do período, focalizando a Inglaterra do século XIV. No que concerne à monarquia, temos a dinastia Plantageneta dominando todo o poder real em terras inglesas a partir da linhagem principal e também de seus diversos ramos desde o século XII, tendo sido fundada por Henrique II (1133-1189), até o início do século XVII, sendo os monarcas mais próximos e com ações mais próximas ligadas à revolta o Eduardo III, cujo reinado vai de 1327 até 1377, e Ricardo II, que assume com 10 anos e com cerca de 14 enfrenta uma das maiores revoltas camponesas da Idade Média, tendo ele governado de 1377 até sua deposição em 1399. Eduardo vai herdar um reino marcado por disputas entre a monarquia e parte da aristocracia, tendo seu antecessor sido deposto à força. Sobre o reinado de Eduardo III:

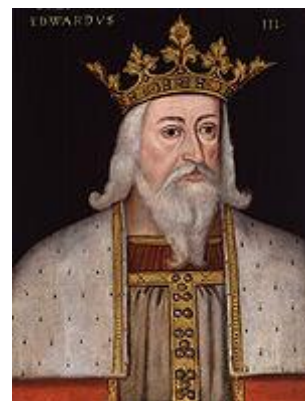


Imagem de Eduardo III

Levou algum tempo para demonstrar claramente o ponto, mas o regime de Eduardo III de fato cumpriu esse modelo de realeza medieval. Embora a administração minoritária fizesse acordos humilhantes com os franceses em 1327 e os escoceses em 1328, Eduardo logo se identificou com as tradições marciais do reinado de seu avô e fez a guerra primeiro no norte e depois, depois de 1337, do outro lado do canal.¹ (TRADUÇÃO NOSSA)

Seu reinado será fortemente marcado pelas disputas com a França na Guerra dos Cem Anos e pela crise da chegada da primeira epidemia da peste na Inglaterra, no período de 1348-1349. Eduardo irá se beneficiar bastante das vitórias iniciais inglesas no conflito, legitimando sua posição e vai afastar a possibilidade de revoltas baroniais enfrentadas por seus antecessores com uma hábil política interna.² Seu reinado entrará em declínio a partir da década de 70, junto com a chegada da velhice de Eduardo III. A falha nas negociações

¹ ORMROD, W. M. **Political Life in Medieval England, 1300-1450**. British History in Perspective. Macmillan Press, 1995, p. 9.

² ORMROD, W. M. **Political Life in Medieval England, 1300-1450**. British History in Perspective. Macmillan Press, 1995, p. 10

de paz com a França no fim da década anterior fará com que os novos pedidos de subsídios ao parlamento se tornem uma crise política, inclusive com insinuações de impeachment a membros da corte por parte do próprio parlamento, além de acusações pessoais de escândalos sexuais³, tornando seu fim de reinado turbulento. A crônica de Walsingham relata tais acontecimentos:

Em 1376, no quinquagésimo ano do reinado do Rei Eduardo III, o rei teve um parlamento completo em Westminster, no início do mês de maio, no qual, como de costume, pediu aos comuns que lhe concedessem um subsídio para a defesa do seu reino. Os comuns em resposta disseram que tinham sido incomodados perpetuamente por muitas dessas demandas, e declararam que a verdade era que eles não poderiam sustentar tais encargos por muito tempo sem o maior dano a si mesmos. Pois estavam de acordo que o rei tinha recursos suficientes para a defesa de seu reino, se seu reino fosse governado de maneira sensata e honesta; mas enquanto seu reino estivesse nas mãos de autoridades não confiáveis, como no atual regime, nunca teria abundância de suprimentos ou dinheiro. E assim eles se ofereceram para provar que este era o caso, e disseram que se, após tal prova, o rei estivesse precisando de alguma coisa, eles o ajudariam de acordo com seus meios.

Durante o parlamento, muitas acusações foram feitas contra a família do rei e vários outros oficiais do rei, particularmente contra Lorde Latimer, seu camareiro (Chamberlain, administrador real de assuntos internos), que exercera uma influência e controle muito ruins sobre o rei. E assim o duque de Lancaster, Lorde Latimer e muitos outros altos funcionários do rei foram removidos de seus postos e outros nomeados em seu lugar. Também a pedido dos comuns, foi decretado que certos bispos e condes e outros senhores de moral louvável deveriam estar no controle do rei e do reino a partir de agora, visto que o rei estava agora à beira da senilidade e tinha necessidade de tais conselheiros. Mas essa matéria durou apenas três meses por causa da interferência daqueles que haviam sido removidos do lado do rei, como descrevi acima.

Também os cavaleiros do parlamento fizeram sérias reclamações sobre uma mulher muito avançada chamada Alice Perrers, que se tornara amiga demais do rei Edward. Eles a acusaram especialmente de muitos escândalos na terra pelos quais ela e seus comparsas eram responsáveis. Pois ela tinha ido muito além dos limites estabelecidos para as mulheres, e esquecendo sua feminilidade e sua fragilidade, ela se sentou em algumas ocasiões além dos juízes do rei e em outras se colocou ao lado dos doutores na corte eclesiástica, e não tinha estado no menor medo de insistir em seu ponto de

³ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p.26

vista em defesa do acusado ou mesmo de fazer exigências contrárias às leis. O resultado desses escândalos foi que o rei estava recebendo um nome muito ruim, não só em sua própria terra, mas também no exterior, e os cavaleiros exigiram que ela fosse enviada imediatamente para bem longe dele.⁴ (TRADUÇÃO NOSSA)

Esse trecho deixa bastante explícita as tensões já existentes entre o parlamento, os comuns e a monarquia inglesa, e o principal foco sendo aqui as pesadas taxas para manutenção dos conflitos com a França. Além dos conflitos econômicos, o rei Eduardo ainda enfrentava questionamentos morais sobre seu envolvimento com a citada Alice Perrers. Segundo consta na crônica de Walsingham, corroborado por Ormrod, este parlamento durou do início de maio até 8 de julho, com a morte de Eduardo, príncipe de gales e primogênito de Eduardo III. Ainda segundo Walsingham, o parlamento se encerrou pois “assim, com a extinção do príncipe, os esforços do atual parlamento também foram extintos. Pois os comuns do parlamento, cujo lado o príncipe tomara, não obtiveram o resultado que esperavam em melhorar as coisas.”⁵ Sobre este episódio, chamado de “The Good Parliament”, Ormrod diz que “apesar de a coroa ter sido rápida em reverter os julgamentos quando a crise passou, o chamado "Bom Parlamento" estabeleceu precedentes importantes para a futura oposição política à Coroa.”⁶ Segundo consta em Walsingham:

Na festa da purificação da Santíssima Virgem [2 de fevereiro de 1377] um parlamento foi realizado em Londres, convocado pelo duque de Lancaster. Ele estava agindo pelo rei, que agora estava doente além da esperança de recuperação. Neste parlamento, tanto de clérigos como leigos foram solicitados subsídios para o rei. [...]

Também nesse parlamento os estatutos do parlamento anterior, merecidamente chamados de Bom, foram anulados e, desde que o rei desejou, pessoas que haviam sofrido por seus julgamentos foram restauradas para suas posições anteriores.⁷ (TRADUÇÃO NOSSA)

⁴ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 25-26

⁵ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 27

⁶ ORMROD, W. M. **Political Life in Medieval England, 1300-1450**. British History in Perspective. Macmillan Press, 1995, p. 11

⁷ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p.29

Seu longo reinado de 51 anos se encerrará com a sua morte em 21 de junho de 1377, aos 64 anos de idade.

Com a morte de Eduardo III e do Príncipe Eduardo, o trono é assumido por Ricardo II na manhã de 16 de julho de 1377, na Igreja de São Pedro (hoje conhecida como Abadia de Westminster) em Westminster, com apenas 10 anos e assumindo um reino bastante turbulento. Sobre sua coroação, Ormrod diz que “não ofereceu nenhuma esperança real de remissão e, de certa forma, tornava a coroa ainda mais vulnerável à crítica política e popular”.⁸ Seu governo será marcado por constantes conflitos, sendo os picos mais altos: a Revolta Camponesa de 1381; o parlamento de 1386 que repetirá o que fora realizado no “Good Parliament” de 1377 e realizará o impeachment de membros da administração real de Ricardo; as constantes disputas contra a oposição baronial, que levarão à sua deposição em 1399 por Henrique IV, até então Duque de Hereford e pertencente à dinastia Lancastre.⁹



Imagem de Ricardo II

A Revolta está inserida no contexto da chamada Guerra dos Cem Anos, que se tem usualmente aceita como compreendida entre 1337-1453, e que contribuiu de forma significativa para a eclosão da revolta, tendo em vista o aumento das taxas sobre os trabalhadores em geral, sejam eles do campo ou cidade. Outro acontecimento de importância significativa para o evento aqui analisado é o aparecimento da Peste Negra, por volta de 1348-1349 e a uma série de pragas que ocorreram durante as décadas seguintes até a década de 1370.

A Guerra dos Cem anos significou uma série de batalhas entre Ingleses e Franceses ao longo dos séculos 13 e 14, tendo impacto em diversos aspectos da história destes países. Em 1337, o rei francês Philip IV, da dinastia de Valois, declarou o confisco do ducado da Aquitânia alegando falha nas obrigações feudais por parte do vassalo em posse do ducado, o monarca inglês Eduardo III.¹⁰ Este é considerado o marco inicial do conflito envolvendo as duas coroas, porém, existe o debate acerca da inevitabilidade da guerra entre os dois

⁸ Idem.

⁹ ORMROD, W. M. **Political Life in Medieval England, 1300-1450**. British History in Perspective. Macmillan Press, 1995, p. 11-12.

¹⁰ ROGERS, Clifford J. The Hundred Years War (1337-1453). In: MARTEL, Gordon (Ed.). **The Encyclopedia of War**. Oxford: Blackwell, 2012, p. 1.

países, e este recorte temporal, de 1337 a 1453, segundo Rogers¹¹, consegue explicar da melhor forma as causas, sejam principais ou secundárias, e trazer respostas mais precisas para o estudo deste tema.

Um dos outros possíveis motivos para o conflito reside na questão da sucessão ao trono francês. Charles IV da França falece em 1328, sem deixar herdeiros, e tendo como parente mais próximo o próprio monarca inglês, que era seu sobrinho. Seguindo as tradições de sucessão, o trono seria assim passado para Eduardo III. Por razões políticas, o trono foi entregue à Philip de Valois, primo de Charles.¹² Num primeiro momento, o monarca inglês aceita a coroação de Philip e presta a homenagem devida ao novo rei da França. Porém, logo no início dos conflitos, Eduardo muda de posicionamento e começa a se declarar “Rei da Inglaterra e da França”, alegando ter direitos sobre o trono por conta da linhagem de sua mãe, e os documentos oficiais evitam de se referir a Philip de Valois como rei francês.¹³ Segundo Ormrod:

Se Edward realmente acreditou nessa afirmação nós nunca saberemos, mas a maioria dos historiadores a viu meramente como uma postura diplomática destinada a exercer pressão sobre a monarquia de Valois e assegurar a concessão essencial que evitaram ambos os predecessores imediatos de Edward: se livrar dos termos do tratado de Paris de 1259 e pleno controle soberano sobre o ducado de Aquitânia.¹⁴ (TRADUÇÃO NOSSA)

As disputas entre Inglaterra e Escócia, de acordo com Rogers, também serão um motivo significativo para o conflito. A Inglaterra, desde o início do século 14, reclamava direitos de suserania sobre a Escócia, e a este projeto opunham-se grande parte dos escoceses e também a França, aliada mais próximas deles.¹⁵ Os conflitos chegaram ao fim em 1453, com a expulsão definitiva dos ingleses de Bordeaux. A Inglaterra vai perder todas as suas possessões continentais em território francês, com exceção de Calais.

A Peste Negra, também chamada de Grande Peste ou Peste Bubônica, foi sem dúvidas o outro grande acontecimento que precede a Revolta Camponesa. É de conhecimento quase

¹¹ Idem

¹² Idem

¹³ Idem

¹⁴ ORMROD, W. M. **Political Life in Medieval England, 1300-1450**. British History in Perspective. Macmillan Press, 1995, p. 9.

¹⁵ ROGERS, Clifford J. The Hundred Years War (1337-1453). In: MARTEL, Gordon (Ed.). **The Encyclopedia of War**. Oxford: Blackwell, 2012, p. 2.

que universal sobre a doença e seus estragos na sociedade medieval, com cifras de mortos sendo colocadas quase sempre na casa dos 50% a 75% da população europeia do período, com estimativas chegando a dizer que apenas 10% da população europeia sobreviveu, demonstrando até um certo clichê e um “exagero”. Sobre isso escreveu Horrox:

O recurso dos cronistas a eles é uma medida de seu horror e descrença com o número de mortes que viram ao redor deles. As melhores estimativas modernas da taxa de mortalidade na Inglaterra durante o primeiro surto de peste entre 40% e 55% - que dão uma mortalidade média provável de cerca de 47% ou 48%. Em outras palavras, quase metade da população da Inglaterra morreu em algo como 18 meses. Nem toda a Europa foi tão gravemente afetada, e mesmo nas áreas mais afetadas deve ter havido comunidades que, por qualquer razão, conseguiram escapar de forma relativamente leve, mas a Peste Negra foi um desastre humano de magnitude aterradora.¹⁶
(TRADUÇÃO NOSSA)

Doença de roedores silvestres, ela é causada pela bactéria *Yersinia Pestis*, e espalhada pelas pulgas desses roedores, manifesta-se em 3 formas: Peste Bubônica. Pneumônica e Septicêmica. Acredita-se que tenha surgido na estepe asiática, aonde uma grande reserva de roedores silvestres carregando a doença migrou para áreas de assentamento humano, tendo a praga sido ativa na Ásia por volta de 1331-1332.¹⁷ Então, se espalha pela Ásia Central, e em 1345-46 já é encontrada no sul da Rússia. A partir da Criméia e do comércio no Mar Negro, a doença chega a Itália por meio do comércio genovês e enfim se espalha por todos os cantos da Europa.¹⁸

A Peste Bubônica, forma mais conhecida e consagrada da doença, é caracterizada pelo inchaço dos gânglios linfáticos (bubões), principalmente na virilha, axilas e pescoço, e outros sintomas podem ser a febre, calafrios, fadiga, dores de cabeça e musculares. A infecção ocorre de duas formas: Pela mordida de uma pulga infectada; ou o contato com as fezes de uma pulga infectada, que causa escoriações na pele. Leva geralmente de 3 a 8 dias pra que todo esse processo ocorra, e após 3 ou 4 dias a bactéria é levada a outros órgãos por meio da corrente sanguínea, geralmente o baço e pulmões, e em casos raros o cérebro.¹⁹

¹⁶ HORROX, Rosemary. **The Black Death**. Manchester University Press, 1994, p.9

¹⁷ Idem

¹⁸ Idem

¹⁹ HORROX, Rosemary. **The Black Death**. Manchester University Press, 1994, p.6

A Peste Pneumônica é caracterizada por ter os pulmões como foco primário de infecção. É causada pela inalação da bactéria *Yersinia Pestis* e é considerada a forma mais perigosa e contagiosa da doença, já que é pode ser transmitida pelo ar e também de pessoa para pessoa. Tosse e dificuldade de respirar evoluem rapidamente para dores no peito e podem chegar a causar falha no coração e até obnubilação mental, que é o estado de letargia.

A peste septicêmica é a forma considerada mais rara da doença, caracterizada pela presença permanente da bactéria na corrente sanguínea, e geralmente é encontrada nas fases finais da peste bubônica não tratada. Tem início fulminante com pulso rápido, hipotensão arterial indo até a hemorragias cutâneas e internas.

Há um consenso de que a peste tenha chegado nas ilhas britânicas no verão de 1348, vinda provavelmente pela Gasconha, sendo que segundo Horrox não existe um consenso sobre qual área foi a primeira a ser afetada na Inglaterra, seja Bristol, Melcombe ou Southampton²⁰. Apesar deste dissenso, a doença se espalhou rapidamente pelo país, e segundo Campbell:

A "Grande Pestilência", como os contemporâneos a chamavam, chegou à Inglaterra em junho de 1348 e em dezoito meses 30 a 40% da população total - pelo menos um milhão e um quarto de pessoas - pereceram (mais nas comunidades mais atingidas). Nunca a agricultura teve que se ajustar a um choque de demanda tão profundo. Em 1349, os contemporâneos registraram com espanto os preços deprimidos, os salários inflacionados, os campos não colhidos e os animais abandonados e desgarrados.²¹

Para se ter uma dimensão do impacto, estima-se que tenha falecido pelo menos duas vezes mais pessoas na Peste de 1348-1349 do que na Grande Fome Européia de 1315- 1318.²² Uma das principais consequências da epidemia foi sem dúvidas a resposta dada pela coroa inglesa, com a imposição do Estatuto dos Trabalhadores, aonde se teve uma vã tentativa de se manter os ganhos dos trabalhadores e dos camponeses iguais aos de antes da Peste Negra, e a forçá-los a aceitarem qualquer serviço, quer desejassem ou não, ou seja, tentando a todo custo mantê-los fixos no solo, sendo as suas consequências a própria revolta camponesa de 1381. Inclusive, a imposição deste estatuto configura como uma

²⁰ HORROX, Rosemary. **The Black Death**. Manchester University Press, 1994, p.10

²¹ CAMPBELL, Bruce Mortimer Stanley. *The Land*. In: HORROX, Rosemary; ORMROD, William Mark (org.). **A Social History of England, 1200-1500**. Cambridge University Press, 2006. p. 185.

²² CAMPBELL, Bruce Mortimer Stanley. *The Land*. In: HORROX, Rosemary; ORMROD, William Mark (org.). **A Social History of England, 1200-1500**. Cambridge University Press, 2006. p. 217

certa “novidade” na vida política do período na Inglaterra, demonstrando a intervenção dessa força crescente que era a monarquia e seus aliados na vida política²³. A própria Peste alterou significativamente a sociedade inglesa do período, tendo ela dizimado entre metade e dois terços da população daquele país em um tão curto período de tempo. Uma diminuição brutal e imediata de pessoas, com a qual a agricultura inglesa nunca havia antes se deparado. Para além do Estatuto dos Trabalhadores, a coroa inglesa vai promulgar também o Estatuto dos Artífices em 1363 como uma resposta às consequências da Peste. Juntas, esses dois estatutos serão a base da legislação trabalhista inglesa até o início do século XVIII.²⁴

1.2 – A TERRA

Ao analisar qualquer sociedade durante o período medieval, se faz necessária entender a importância da terra, do feudo, e claro, e por consequência, do senhorio. É nela e dela que se realizam quase todos os aspectos da vida material e social do período, sejam as coerções extra econômicas, sejam as concessões de feudos. A terra significava poder. A instituição agrária, para nós vista como central do período, é sem dúvida o senhorio. Conforme Campbell:

“As mansões constituíam as unidades básicas da propriedade senhorial e situavam-se no cerne da vida agrária. Eles tinham três elementos: terra, dividida entre o domínio do senhor (isto é, terra reservada para o uso do próprio senhor, que ele poderia cultivar diretamente ou alugar) e a terra ocupada por outros; um tenanato dependente (livre e não livre); e direitos jurídicos. As mansões tinham seus próprios tribunais cujos lucros eram uma fonte de receita para o senhor, assim como os vários direitos e prerrogativas senhoriais. As mansões também tinham seus próprios costumes, principalmente relacionados com a herança e transmissão de terras; estes eram tipicamente defendidos por inquilinos, pois o costume fornecia uma das principais defesas que eles tinham contra seus senhores e era rigorosamente afirmado. As mansões também forneceram uma estrutura para administrar recursos e supervisionar a condução dos aspectos da agricultura empreendidos em comum. Havia, de fato, poucos aspectos da vida agrária sobre os quais o sistema senhorial não interferia.”²⁵ (TRADUÇÃO NOSSA)

²³ ORMROD, W. M. **Political Life in Medieval England, 1300-1450**. British History in Perspective. Macmillan Press, 1995, p. 7.

²⁴ CAMPBELL, Bruce Mortimer Stanley. The Land. *In*: HORROX, Rosemary; ORMROD, William Mark (org.). **A Social History of England, 1200-1500**. Cambridge University Press, 2006. p. 185-186

²⁵ CAMPBELL, Bruce Mortimer Stanley. The Land. *In*: HORROX, Rosemary; ORMROD, William Mark (org.). **A Social History of England, 1200-1500**. Cambridge University Press, 2006. p. 191

Ou seja, como definido por Guy Fourquin, “o senhorio rural, não é uma simples articulação, mas sim a trave mestra de todo o sistema²⁶”, portanto, sendo também o ponto crucial de nossa análise.

É importante salientar que a terra não era um bem, uma propriedade nos termos contemporâneos. Esta mudança só vai ocorrer, segundo Guerreau, com a gradativa destruição da noção de *Dominium*, aonde os senhores latifundiários irão progressivamente se convertendo em proprietários rurais. Conforme Campbell, em nenhum momento na Idade Média, ela era de propriedade exclusiva. Quando a terra mudava de mãos, fosse por transmissão ou herança, os direitos daqueles com reivindicações sobre ela tinham que ser respeitados.²⁷

A relação de *Dominium*, segundo o medievalista francês Alain Guerreau, define um tipo de dominação bífida, existente na Europa medieval, sobre homens e terras. Essa dominação implica a noção de simultaneidade, ou seja, só há o *Dominium* caso haja um controle tanto dos homens como das terras em que os mesmos estão inseridos. Segundo Guerreau:

“Nos propomos a chamar de *Dominium* uma relação social original constituída pela simultaneidade e unidade de dominação sobre os homens e suas terras. Os dois elementos-chave desta definição merecem reflexão e elucidação: “dominação” e “simultaneidade”. Dominação não é um vocábulo límpido, cujo sentido seria evidente, como não o é também seu sinônimo parcial, “poder”. Dominação implica relação desigual e assimétrica, uma relação de força exercida em sentido único, traduzindo-se em uma certa vantagem tirada pelo dominante do dominado. Nem todas as desigualdades são dominações, nem todas as subordinações são dominações. Dominação depende em geral de uma relação coletiva, e no âmbito social um fato crucial é a disparidade numérica, os dominantes sendo uma ínfima minoria em relação aos dominados”²⁸

Ou seja, ainda na análise desta relação, ela confere a disparidade de forças, sendo os dominantes numericamente inferiores aos dominados. Contudo, isto não significa que não há espaço para negociações e disputas dentro desta relação. A ideia de dominação

²⁶ FOURQUIN, Guy. **Senhorio e Feudalidade na Idade Média**. Lisboa: Edições 70. 1987, p. 14

²⁷ CAMPBELL, Bruce Mortimer Stanley. **The Land**. In: HORROX, Rosemary; ORMROD, William Mark (org.). **A Social History of England, 1200-1500**. Cambridge University Press, 2006. p. 195.

²⁸ GUERREAU, Alain. **Feudalismo**. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude.

Dicionário temático do Ocidente Medieval. Vol. I. Bauru/São Paulo :EDUSC/Imprensa Oficial. 2002, p. 445

presente neste termo também enfatiza que esta é uma relação coletiva. É importante notar este aspecto tendo em vista que o medievo é caracterizado por relações geralmente coletivas, ainda não influenciadas pela individualidade da era moderna e contemporânea.

Conforme Campbell, podemos visualizar como grande parte da posse da terra na Inglaterra medieval esteve em mãos de uma pequena elite fundiária:

Durante a Idade Média, não mais do que 20.000 indivíduos e 1.000 instituições efetivamente controlaram a terra da Inglaterra. Como classe, os proprietários de terras e seus domicílios (incluindo os de ordens religiosas) não representavam mais de 5% da população. No entanto, foi essa estreita elite que determinou a posse, alugou rendas e exerceu domínio sobre os que ocupavam e trabalhavam a terra. A justiça local e a administração também eram suas responsabilidades. Seus tribunais forneciam um meio de resolver disputas por terra e decretar e fazer cumprir o estatuto agrário. Muitos senhores usaram sua influência e comando superior do capital para investir em infra-estrutura local, construindo pontes, mantendo balsas, construindo usinas, iniciando esquemas de drenagem, replanejando assentamentos, estabelecendo mercados e feiras e fundando e dotando igrejas.²⁹ (TRADUÇÃO NOSSA)

Ou seja, assim como virtualmente em toda a Europa Continental do período, a Inglaterra não foi diferente no tocante a divisão agrária, tendo uma pequena ordem em número controlando a maior parte das terras, demonstrando assim, a vigência da relação de *Dominium*.

1.3 – MOVIMENTOS DE MASSAS NA IDADE MÉDIA

O Levantamento Inglês de 1381 está longe de ser um caso isolado no medievo. Diversas revoltas e levantes, seja contra o senhorio e a nobreza, sejam anticlericais ou sejam apenas banditismo social, tiveram espaço nos mais de mil anos de existência do que se convencionou a chamar de Idade Média. Para começarmos a debater este tema, primeiro precisamos estabelecer o que seria um movimento de massas camponesas. Segundo Rodney Hilton, é preciso distinguir os movimentos que tiveram grandes participações camponesas, porém com objetivos que refletiam interesses mistos entre as diversas camadas revoltosas e movimentos que além de contarem com a participação maciça dos

²⁹ CAMPBELL, Bruce Mortimer Stanley. The Land. In: HORROX, Rosemary; ORMROD, William Mark (org.). **A Social History of England, 1200-1500**. Cambridge University Press, 2006. p. 200.

camponeses, tinham como objetivos reivindicações essencialmente camponesas, aonde se demonstrava uma plena consciência de classe.³⁰ É importante destacar que, embora a massa camponesa fosse homogênea em suas obrigações e direitos por volta do século XII, as suas origens são as mais diversas possíveis.³¹ Segundo Hilton:

Um dos focos da servidão medieval era, sem dúvida, a escravidão do mundo antigo e da Alta Idade Média; outro foi o processo de entrega pelo qual os camponeses livres voluntariamente passaram para uma situação de dependência para, assim, garantir sua proteção; uma terceira fonte de servidão foi dada pela atribuição imperceptível aos colonos livres dos grandes domínios das condições de posse dos servos, com a qual, a longo prazo, tornou-se impossível distingui-los deles; uma causa final foi o uso que os senhores com direitos de jurisdição privada fizeram de tais formas de controle para submeter ao seu poder aqueles que antes gozavam de liberdade.³² (TRADUÇÃO NOSSA)

Assim, se verifica também uma grande heterogeneidade entre o campesinato, existindo diversos estatutos classificando esse ou aquele indivíduo de acordo com o grau de sua sujeição à relação de *Dominium*, da sua ligação com o solo ou de seu ofício. Na Inglaterra, veremos diversas categorias campesinas distintas coexistindo e disputando espaço na vida política inglesa no final da Idade Média. As distinções são as mais diversas, tendo no geral Yeomans, lavradores, trabalhadores rurais e os servos. “Serjeants”, “franklins” (senhores de terra livres, porém não nobres), fazendeiros de mansões senhoriais e de presbitérios se diferenciavam dos demais camponeses, e para Ormrod, isso indicava a existência de uma espécie de elite camponesa que, embora não fosse aceita pela nobreza gentil, ainda assim tinha uma certa força legal e econômica para demandar algum espaço na vida política do período.³³

Durante a Idade Média, contrariando a ideia de uma passividade das classes mais baixas, diversas revoltas antisenhoriais e até mesmo anticlericais foram realizadas, e em maior ou menor grau, incomodaram as classes superiores, a nobreza e a própria Igreja. Embora

³⁰ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 78

³¹ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 70

³² Idem

³³ ORMROD, W. M. **Political Life in Medieval England, 1300-1450**. British History in Perspective. Macmillan Press, 1995, p. 5

tenham tido motivações e objetivos diversos a depender da região aonde estavam inseridas, é possível notar questões comuns na maioria destes levantamentos. Segundo Hilton:

“As causas diretas de alguns dos movimentos de massas importantes foram as ações dos governos ou terratenentes, ou ambos ao mesmo tempo, que vieram para alterar o estado das relações habituais ou defraudaram expectativas normais em detrimento dos agricultores em geral, ricos e pobres. Enquanto um fardo muito pesado, uma ordem de apreensão ou de revogação de uma concessão não eram em si mesmos suficientes para causar uma causa revolta, a verdade é que vieram a ser no contexto das relações sociais tensas que existiam em cada das áreas geográficas que consideramos. Os camponeses viram essa tensão como regra geral de uma perspectiva aparentemente conservadora. Eles não podiam aceitar a renúncia aos papéis tradicionalmente atribuídos aos diferentes estratos da sociedade (cuja estrutura eles não rejeitaram, pelo menos em princípio). Esse parece ser sempre o fator mais importante, o significado das causas que precipitam o confronto (impostos, por exemplo) é que ao afetar a todos também os unem, concentrando-se com eles o descontentamento prevalecente. ”

³⁴(TRADUÇÃO NOSSA)

Outro levante de massas tão conhecido quanto este aqui estudado foi a *Jacquerie* ocorrida na França em 1358. Após a derrota francesa e a captura do rei João II na batalha de Poitiers (1356) a França passou por um período de marcada instabilidade que, como disse Hilton, “qualquer opressão, não importa quão mínima fosse, rebentaria uma rebelião.”³⁵ Ainda segundo Hilton, durante um ano, os mercenários dos exércitos francês e inglês, depois de acordarem uma trégua, viviam às custas do campo, a ponto de acabar com os camponeses não sabendo distinguir entre os homens de um lado e do outro³⁶. Os dois grupos extraíam da região os mais diversos tributos, que acabou por gerar uma enorme insatisfação popular na região. Segundo Costa:

A *Jacquerie*, ou rebelião dos Jacques – termo pejorativo para os homens do campo - explodiu na região de Beauvaisis, uma área rica de camponeses livres que, ainda não afetada pelas devastação que a guerra provocara em regiões próximas, temia entrar no

³⁴ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 155

³⁵ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 151

³⁶ Idem

caminho da destruição. De forma espontânea, os camponeses tomaram armas contra seus senhores.³⁷

Apesar de uma breve duração, cerca de duas semanas, os revoltosos franceses chegaram a contar com uma força aparente de cerca de 5 mil homens, liderados por Guillaume Cale. A derrota definitiva se deu através do embate contra o exército do Rei de Navarra, Carlos II, no dia 10 de Junho de 1358.³⁸

³⁷ COSTA, Ives Leocelso Silva. Guerra e Conflito Social no Século XIV: A Jacquerie (1358) e a Revolta Camponesa de 1381. *In: Anais do 10º Encontro de História: Memórias e Biografias no Brasil Republicano*. Maceió, AL, 11 a 14 de setembro de 2018 / Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Curso de História, Tomo II, Maceió: UFAL, 2018, p. 63.

³⁸ HILTON, Rodney. *Siervos Liberados*. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 156

CAPÍTULO 2 – CLERO E REBELIÃO

2.1 – CONTEXTO GERAL DA IGREJA MEDIEVAL

A Revolta Camponesa de 1381 teve como um de seus líderes e personagens mais notáveis um clérigo, John Ball, famoso por seu sermão inflamado questionando a ordem social vigente frente a uma massa de pessoas comuns que segundo Walsingham girava em torno de 20 mil pessoas. A amplitude e o impacto de atuação constituem um dos objetivos deste trabalho, portanto, se faz necessária uma análise não só de sua figura, mas também da Igreja durante o período aqui abordado. Além de Ball, a revolta teve a participação ativa de diversos outros personagens oriundos também do baixo clero, constituindo um fenômeno bastante interessante. Na análise da Igreja e da religiosidade, seguimos novamente adotando um conceito *guerreauniano*, desta vez o conceito de *Ecclesia*. Segundo o autor:

“Qualquer quadro da sociedade medieval que coloque a *ecclesia* em outra parte que não seja o centro do dispositivo resulta em uma visão truncada, desequilibrada e totalmente irrealista desta sociedade, a partir da qual todas as argumentações são meras ficções mais ou menos pitorescas”³⁹

Bem, e o que seria esta *ecclesia*? Este termo poderia designar ao mesmo tempo a Igreja instituição, a comunidade dos cristãos e o próprio clero. É importante tê-la ao centro da análise, pois virtualmente toda a população medieval estava inserida dentro dela. A Igreja, durante todo o período que compreende a Idade Média, vai ser basicamente a única instituição mais ou menos coesa, não significando aqui uma unidade total e muito menos negando as tensões e disputas em seu interior. Considerada a grande detentora de terras no período, esse domínio se traduziu logicamente em poder, estando a Igreja presente em basicamente todos os aspectos da vida social. Conforme Guerreau: “A Igreja controlava o tempo, tanto o tempo do ano (o calendário) como o tempo diurno: tempo do trabalho (aparecimento dos sinos na época merovíngia) e tempo da festa, tempo da paz, tempo da abstinência”.⁴⁰ Controlava também os laços de parentescos e as formas de casamento, o

³⁹ GUERREAU, Alain. **Feudalismo**. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude.

Dicionário temático do Ocidente Medieval. Vol. I. Bauru/São Paulo :EDUSC/Imprensa Oficial. 2002, p. 445.

⁴⁰ Id. **Feudalismo: Um horizonte teórico**. Lisboa: Edições 70, 1982. P. 246

ensino, das escolas monásticas e episcopais até as universidades, o sistema de assistência e de hospitais. Inclusive, diversas fontes do período aqui estudados são coletadas da Igreja, sendo a nossa fonte principal uma crônica escrita por um clérigo relatando suas visões sobre a época, conforme sua posição social e local de fala. Citando novamente Guerreau:

“Poder sobre imensos domínios, sobre o tempo, sobre o espaço, sobre o parentesco, sobre o ensino, o saber, as crenças e a moral, sobre as representações e as obras de assistência, sobre os fundamentos do poder e da justiça; inventariar-se-ia mais rapidamente aquilo que a Igreja não controlava: em teoria, nada [...] De uma maneira mais geral, a Igreja apresenta-se como a principal força motora do sistema feudal, do baixo império até ao século XVI, pelo menos. ”

Ou seja, para uma compreensão mais precisa do período, a análise da Igreja como centro dessa sociedade se faz extremamente necessária. Além disso, se faz necessária uma análise das crenças e da relação da sociedade inglesa com a religião e o divino. O poder e a influência desta instituição ficam evidentes em Campbell, aonde ele diz:

“[...] talvez um décimo sexto de toda a terra estava nas mãos de pastores - incluindo instituições como faculdades e mosteiros, aos quais as reitorias, com seus bens, poderiam ser concedidas. Quando combinado com as terras muito mais extensas do alto clero, isso significava que os proprietários eclesiásticos de um tipo ou outro possuíam quase metade da terra da Inglaterra. Não é de admirar que os senhores de terras leigos se tornassem cada vez mais críticos e avarentos da grande riqueza fundiária da Igreja ou que, em 1381, os camponeses rebeldes exigissem a redistribuição das terras da Igreja entre os comuns. ”⁴¹

(TRADUÇÃO NOSSA)

2.2 – AS IDEIAS DE JOHN WYCLIF

Dentro do espectro religioso da Inglaterra do século XIV surgiu uma heresia que, por seu conteúdo crítico à Igreja, foi confundida e utilizada para atacar tanto as ideias de Ball quanto aos adversários políticos de religiosos beneficiados, como o autor da crônica aqui estudada, Thomas Walsingham. Essa heresia se deu o nome de

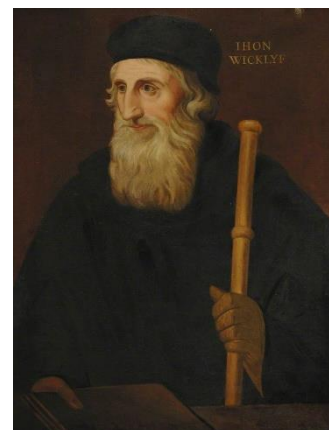


Imagem de John Wyclif

⁴¹ CAMPBELL, Bruce Mortimer Stanley. The Land. In: HORROX, Rosemary; ORMROD, William Mark (org.). **A Social History of England, 1200-1500**. Cambridge University Press, 2006. p. 205-206.

Lolardismo, e teve apontado como principal influenciador o professor de Teologia e filósofo John Wyclif.

Wyclif era, segundo Duffy, um dos professores mais celebrados em Oxford durante as décadas de 1360 e 1370, aonde fora o principal nome na campanha dos senhores laicos e do clero secular contra as ordens religiosas.⁴² James G. Clark, citado por David Preest, tradutor da crônica aqui analisada, descreve Walsingham e os clérigos do monastério de St. Albans como os principais opositores às ideias de Wyclif naquele período, e Walsingham como o principal observador e cronista destes eventos, trazendo além de seu relato também a transcrição das bulas papais e das condenações do mesmo.⁴³ A primeira citação de Walsingham acerca de Wyclif é datada de 1377, denunciando a expansão do “wyclificismo” dentro da universidade:

Aproximadamente ao mesmo tempo, chegou à proeminência na universidade de Oxford um homem do norte, chamado Mestre John Wyclif, doutor em teologia. Nas escolas e em outros lugares ele publicamente afirmava doutrinas errôneas, heréticas, que eram completamente absurdas e um ataque à posição da igreja universal. Eles também continham um discurso particularmente venenoso contra os monges e outras pessoas que possuíam propriedades em ordens religiosas. Ele tomou a precaução de camuflar sua heresia, e ao mesmo tempo espalhou-a mais amplamente sob cores escolhidas, reunindo seguidores e membros de um partido entre seus associados em Oxford e em outros lugares e vestindo-os com roupas de tornozelo, como um sinal de sua maior perfeição. Eles deveriam andar descalços, espalhando suas heresias entre as pessoas e pregando-as aberta e publicamente em seus sermões.

Entre outros erros, eles consideraram as seguintes proposições como completamente certas. Que a Eucaristia no altar depois do sacramento não é o corpo real de Cristo, mas seu símbolo. Que a igreja de Roma não é a cabeça de todas as igrejas mais do que qualquer outra igreja, e que o poder maior não foi dado por Cristo a Pedro do que a qualquer outro apóstolo. Que, no que diz respeito às chaves da igreja, o papa em Roma não tem maior poder do que qualquer outro sacerdote ordenado. Que, se houver um Deus acima, os senhores temporais podem legal e legitimamente tirar a propriedade de uma igreja que transgride. Que, se um senhor temporal sabe de uma igreja que transgrediu, ele é obrigado, sob ameaça de danação, a remover suas posses temporais dela. Que o Evangelho é guia suficiente nesta vida para qualquer cristão, e que todas

⁴² DUFFY, Eamon. **Religious Belief**. In: **A Social History Of England, 1200-1500**. HORROX, Rosemary; ORMROD, W. Mark (Ed.). Cambridge University Press, 2006, p. 325.

⁴³ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 2.

as outras regras dos santos, que são observadas como regras de vida pelas várias ordens religiosas, não acrescentam mais perfeição ao Evangelho do que a cal acrescenta a uma parede. Que nem o papa, nem qualquer outro prelado da igreja, deveria ter prisões para punir os pecadores, mas que qualquer pecador deveria ser capaz de ir livremente onde quer e fazer o que gosta. Estas e muitas outras doutrinas foram pregadas e promulgadas tão extensamente por esses hereges à subversão de nossa fé, que os senhores e magnatas da terra e muitos do povo se entusiasmaram com suas palavras e deram apoio aos pregadores dessas heresias, particularmente porque seus argumentos davam tal poder a leigos para tirarem de homens da igreja e homens em ordens religiosas suas posses temporais.⁴⁴ (TRADUÇÃO NOSSA)

Nesta citação, podemos ver claramente o posicionamento de Walsingham sobre Wyclif, acusando suas ideias de serem errôneas e heréticas, e por diversas passagens chamando as falas de Wyclif de delirações. É importante observar que ao final desta passagem, Walsingham acusa também que “senhores e magnatas da terra e muitos do povo se entusiasmaram com suas palavras e deram apoio aos pregadores dessas heresias”, demonstrando que Wyclif e seus seguidores tinham apoiadores poderosos por trás, sendo apontado como um desses apoiadores o Duque de Lancaster, John de Gant.⁴⁵ Segundo Duffy:

Pegando emprestado idéias de antigos contemporâneos como Richard Fitzralph e Marsiglio de Pádua, Wyclif formulou um potente coquetel de idealismo e sagacidade, no qual a denúncia de bispos corruptos e frades foi usada para sustentar a alegação de que a pecaminosidade privava um homem, e especialmente um homem da igreja, de qualquer direito de propriedade ou governo, e que príncipes, não prelados, eram o instrumento de reforma divinamente ordenado para a Igreja. Consequentemente, era dever dos senhores seculares curar os males da Igreja confiscando suas receitas e colocando-as em uso adequado.⁴⁶ (TRADUÇÃO NOSSA)

Duffy ainda diz que, entre as afirmações de Wyclif, existia a de que A Igreja “consistia apenas dos eleitos, e assim a Igreja visível, que continha muitos filhos de Satanás, não tinha autoridade para amarrar ou prender, e nenhum poder coercitivo.”⁴⁷ Walsingham faz uma compilação ainda mais completa das chamadas “Proposições e Conclusões” de John Wyclif, listando-as:

⁴⁴ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 29-30.

⁴⁵ DUFFY, Eamon. **Religious Belief**. In: **A Social History Of England, 1200-1500**. HORROX, Rosemary; ORMROD, W. Mark (Ed.). Cambridge University Press, 2006, p. 324

⁴⁶ Idem, p. 324.

⁴⁷ Idem, p. 324.

1. Desde a época de Cristo, toda a raça humana esteve sem o poder de ordenar diretamente que Pedro e todos os seus sucessores tivessem poder político sobre o mundo em perpetuidade.
2. Deus não pode dar a um homem domínio civil para si e seus herdeiros em perpetuidade.
3. Documentos inventados por homens concedendo herança de poder civil para sempre são inválidos.
4. Aquele que possui a graça que concede graça até o fim, não recebe mera justiça, mas na verdade todos os dons de Deus.
5. Somente como ministro pode um homem dar ao seu filho natural ou adotivo autoridade terrena e celestial na escola de Cristo.
6. Se Deus existe, os senhores temporais podem legitimamente e merecidamente tirar as posses de uma igreja que cai em erro.
7. Se uma igreja está em tal posição ou não, não é uma questão para mim discutir, mas é direito dos senhores temporais submetê-la a exame, e, se um caso for estabelecido, agir com confiança e tirar suas posses temporais sob ameaça de condenação eterna.
8. Sabemos que não é possível ao Vigário de Cristo, por meio de suas bulas, ou por elas, junto com seu próprio desejo e consentimento, ou junto com o desejo e consentimento de seu Colégio qualificar alguém para o céu ou desqualificá-lo.
9. Não é possível que um homem seja excomungado, a menos que primeiro e acima de tudo ele tenha sido excomungado por ele mesmo.
10. Ninguém é excomungado por sua própria mágoa, ou suspenso do cargo ou torturado por outros juízos de censura, a menos que seja por causa de Deus.
11. Um anátema ou excomunhão não é obrigatório para si mesmo, mas apenas na medida em que é imposto a um inimigo da lei de Cristo.
12. Nem Cristo nem seus discípulos podem ser citados como um exemplo do poder de excomungar os seguidores, especialmente se for uma questão de privá-los de suas posses terrenas. Apenas o oposto.
13. Discípulos de Cristo não têm o poder de exigir por força posses através de expressões de censura.
14. Não é possível para o papa ou para qualquer outra pessoa, se ele afirma ter alguns meios do poder absoluto de Deus para liberar ou prender, para ter esse meio de prender ou soltar.

15. Devemos acreditar que somente então ele libera ou prende quando está em conformidade com a lei de Cristo.

16. Deve ser crença católica que qualquer sacerdote devidamente ordenado tenha poder suficiente para realizar todos os sacramentos e, portanto, de absolver qualquer pecador arrependido de qualquer pecado.

17. É possível que os reis tirem as temporalidades dos clérigos, se habitualmente fizerem mal-uso deles.

18. Se senhores temporais ou papas santos ou Pedro ou o chefe da igreja, que é Cristo, dotou a igreja com os bens da fortuna ou graça e até mesmo excomungou aqueles que tiraram suas temporalidades, no entanto, é legítimo por causa da condição acima mencionada, privar a Igreja de suas posses temporais na proporção de sua ofensa.

19. Um eclesiástico, por que até mesmo o pontífice romano, pode ser legalmente repreendido por seus súditos leigos e até levado a julgamento.⁴⁸ (TRADUÇÃO NOSSA)

Podemos ver nesta citação que as ideias de Wyclif vão bater de frente com muito do que o cristianismo medieval tinha como norma, como situações dentro da normalidade. Dentre suas conclusões, cabe destacar as conclusões 6, 17 e 18, que dizem principalmente que os reis e senhores podem e devem tomar as posses senhoriais eclesiásticas que caíam em erro em diversas situações. A defesa dessa ideia vai ser, pelo que foi analisado até agora, a principal aglutinadora de senhores laicos como John de Gaunt em volta de Wyclif. Outras conclusões merecem destaque por sua oposição a ideias fundamentais da hierarquia da Igreja, como a conclusão 19, que coloca o Papa em Roma em condição de ser repreendido e julgado por súditos leigos, assim como as proposições 14 e 15 que negam a autoridade eclesiástica de condenar quem quer que seja à excomunhão. As conclusões 1,2 e 3 são também interessantes na medida em que Wyclif, segundo Walsingham, condena o domínio perpétuo e a herança de possessões, uma proposição que ia de encontro à aquela ordem social vigente no século XIV.

Thomas Walsingham vai descrever diversas bulas papais enviadas para a Inglaterra denunciando e convocando John Wyclif a se apresentar perante o Papa e o sentenciando à Excomunhão. Segundo Eamon Duffy, a sorte de Wyclif se manterá até o advento da Revolta Camponesa de 1381. Duffy afirma que:

⁴⁸ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 55.

[...] os dramáticos levantes de 1381, que marcaram um divisor de águas decisivo na recepção e na reputação da teologia de Wyclif. Embora os ensinamentos de Wyclif sobre a eucaristia, autoridade e posses clericais, e sobre a mendicância e a vida religiosa, tivessem sido condenados pelo Papa Gregório XI já em 1377, uma combinação de disputas papais com a coroa, o ciúme da Universidade de Oxford por sua própria independência e a reputação de seu professor mais famoso, e a proteção de John de Gaunt impediu quaisquer consequências drásticas. Em 1381, no entanto, a revolta dos camponeses enviou ondas de choque através dos estabelecimentos religiosos e políticos ingleses. A teologia de Wyclif de fato contribuiu pouco ou nada para os distúrbios daquele ano, mas seus opositores foram rápidos em afirmar conexões entre sedição e heresia, e suas idéias foram amplamente condenadas em um conselho provincial da Igreja Anglicana realizado em Londres Blackfriars, em maio de 1382.⁴⁹ (TRADUÇÃO NOSSA)

Aqui podemos ver que Duffy coloca que as ideias de Wyclif contribuíram pouco ou nada para a eclosão da Revolta de 1381, como denunciado por Walsingham em sua crônica. Já Rodney Hilton faz um debate um pouco mais em aberto, tratando da participação do clero, notadamente do baixo clero, no levantamento camponês:

Uma possível explicação da razão para a participação do clero nos eventos de 1381 pode ser encontrada no desenvolvimento singularmente tardio da heresia popular na Inglaterra. Entre 1166 e o movimento lolardo do final do século XIV praticamente não há manifestação de movimentos heréticos na Inglaterra. [...], mas a verdade é que a Inglaterra não era livre de tensões sociais, atitudes críticas dos abusos eclesiais ou exame de consciência dos cristãos preocupados com a sua fé e sua Igreja, todos os elementos característicos de muitos movimentos continentais. A explosão aparentemente espontânea do movimento lolardo na esteira da rebelião deve ter tido mais do que os escritos teológicos de um homem por trás dele. O fato de que as pessoas da época às vezes identificaram erroneamente o movimento lolardo com a subversão política e social não deve nos enganar. Talvez o descontentamento, inclusive o do clero, tenha passado por vários canais. Talvez a própria ausência de um movimento herético tenha feito com que os elementos críticos existentes dentro do clero encontrassem um canal de expressão nos movimentos sociais e políticos de 1381. Talvez a ideia agora descartada de uma estreita conexão entre o movimento lolardo e o surgimento de 1381 não estava tão errada, afinal de contas, desde que consideremos o movimento lolardo como algo mais amplo do que o círculo de

⁴⁹ DUFFY, Eamon. **Religious Belief**. In: **A Social History Of England, 1200-1500**. HORROX, Rosemary; ORMROD, W. Mark (Ed.). Cambridge University Press, 2006, p. 325

seguidores de Wycliffe. Afinal, Ball foi preso pela primeira vez na década de 1360 por pregar sem a devida autorização.⁵⁰ (TRADUÇÃO NOSSA)

Ou seja, embora Duffy não crave que as ideias de Wyclif não tiveram nenhuma contribuição para a revolta, Hilton abre um espaço maior para a possibilidade desta ligação, e ainda nos mostra como a falta de movimentos heréticos dentro da Inglaterra, ou melhor, o seu desenvolvimento tardio em terras inglesas, em contraste com outros países da Europa continental do mesmo período, pode ter sido uma das explicações para a participação de diversos clérigos dentro da revolta para além de Ball, sendo um deles John Wrawe, também denominado por Walsingham como um de seus líderes e autor de uma confissão sobre a própria revolta. Hilton ainda traz dentro de sua argumentação uma proposta de análise do movimento lolardo, alargando a ideia do movimento para além dos escritos e da influência de Wyclif.

2.3 – OS PADRES JOHN BALL E JOHN WRAWE

John Ball é reconhecido como um dos principais líderes da Revolta Camponesa de 1381. Até aonde se sabe, Ball já era acusado anos antes de cometer heresias, tendo sido excomungado por volta de 1366 por conta de sermões inflamatórios por uma sociedade sem classes, e acusado por Walsingham de ser um seguidor das ideias heréticas de John Wycliff.

A John ball é creditada, aqui utilizando como fonte principal a Crônica Maiora de Thomas Walsingham, a famosa frase “Enquanto Eva arava e Adão caçava, quem então era o senhor feudal?”⁵¹ Essa frase demonstra claramente uma crítica à chamada sociedade tripartite medieval, aonde se tinham 3 estamentos bem delimitados e com quase nenhuma mobilidade social, que eram: Os que oravam, os que guerreavam e os que trabalhavam; portanto Clero, Nobreza e trabalhadores em geral nos mais diversos estatutos, fossem do campo ou vilas e cidades. Essa fala de Ball demonstra um forte questionamento sobre a sociedade em que vivam naquele momento, e questiona de forma contundente o motivo de uns poucos terem o direito e o privilégio de serem senhores e a maioria restante terem o infortúnio de serem os dominados, e ainda terem que aceitar esta condição de forma resignada. Hilton discute a originalidade desta frase, destacando que desde o início do

⁵⁰ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 281-282.

⁵¹ WALSHINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 162.

século XIV frases semelhantes já circulavam, e além disso, em 1525 na Prússia uma outra frase semelhante fora também utilizada, concluindo que esta ideia talvez tenha sido um tópico comum por toda a Europa do período.⁵² Sobre este sermão, segundo Walsingham:

Procedendo deste começo e usando as palavras do provérbio que ele tinha levado para o texto dele, ele tentou introduzir e provar o argumento de que no começo todos os homens haviam sido criados iguais por natureza, e essa servidão foi trazida pela injusta opressão dos homens maus contrários à vontade de Deus. Além disso, se Deus quisesse criar escravos, ele teria estabelecido bem no começo do mundo quem era para ser um mestre e um escravo. E assim eles deveriam perceber que o tempo tinha sido dado a eles por Deus, no qual eles poderiam, se quisessem, adiar o jugo da escravidão há muito suportada e desfrutar da liberdade que eles desejavam há muito tempo. Seu conselho, portanto, era que eles se comportassem de maneira sensata e, demonstrando o amor de um bom pai para sua família, que, cultivando seus campos, arrancasse ou danificasse as ervas daninhas que podem danificar suas colheitas, eles mesmos também deveriam apressar-se a fazer a mesma coisa, primeiro matando os senhores mais velhos do reino, em segundo lugar assassinando os advogados, justiceiros e jurados da terra e, finalmente, arrancando do solo da Inglaterra todos aqueles que eles sabiam que prejudicariam os comuns no futuro. Assim, no final, eles garantiriam paz para si mesmos e segurança para o futuro, se, tendo eliminado as pessoas importantes, houvesse igual liberdade e a mesma nobreza para todos eles, juntamente com honras e poderes nos quais todos compartilhassem da mesma forma.⁵³

(TRADUÇÃO NOSSA)

Se de fato era este o conteúdo dos sermões do padre John Ball, fica a incógnita, tendo em vista que partimos da visão de Thomas Walsingham, também clérigo e adversário de Ball e dos revoltosos, podendo obviamente ter aumentado tal conteúdo. Porém, analisando este trecho, cabe destacar que Ball vai buscar na figura divina a argumentação para o combate à “tirania senhorial”, e recorre ao texto bíblico como base de sustentação de sua argumentação, aonde ele utiliza uma alegoria de uma sociedade primitiva e igualitária aonde a escravidão fora uma criação humana, e não divina, pois caso o fosse já seria introduzida por Deus desde o começo da existência. Ou seja, já neste começo de sermão ele quebra com a argumentação divina da servidão e do modelo tripartite de sociedade. Ball adota também um certo tom milenarista, ao afirmar que a revolta era o momento dado por Deus ao campesinato para se livrar desta escravidão e desfrutar da liberdade

⁵² HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 280.

⁵³ WALSHINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 162.

desejada por tanto tempo, ou seja, que eles não deveria mais esperar o dia do juízo final ou qualquer que fosse o momento, mas que deveriam agir agora e seguros, pois estavam agindo de acordo com o que o divino entendia como correto, e que se fosse preciso, que fossem às últimas consequências, como um “bom pai que cultivando sua terra, arranca as ervas daninhas antes que danifiquem o solo”. Fica evidente também neste trecho o ódio acerca de todos os que estavam em volta da legislação vigente, advogados, juízes, justiceiros, jurados, citando-os diretamente como alvos do movimento e como indivíduos a serem perseguidos, para que os problemas dos comuns fossem sanados. No final, fica mais evidente ainda a ideia de uma sociedade igualitária após a revolta, aonde ele diz que “[...]tendo eliminado as pessoas importantes, houvesse igual liberdade e a mesma nobreza para todos eles, juntamente com honras e poderes nos quais todos compartilhassem da mesma forma”.

Além disso, é creditada a Ball uma carta encontrada nas mangas de um homem que fora enforcado por sua participação na revolta. A carta cheia de enigmas e informações ocultas, dizia que:

John the Miller tem um terreno pequeno, pequeno e pequeno.

O filho do céu do rei pagará por todos.

Cuidado ou haverá aflição.

Conheça seu amigo do seu inimigo.

Tenha o suficiente e depois diga "Ho!"

E faça bem e melhor e fuja do pecado

E busque a paz e mantenha-a firme.

E assim lance John Truman e todos os seus companheiros.⁵⁴ (TRADUÇÃO NOSSA)

O significado da carta é um enigma. A carta se inicia indicando que um certo John moleiro tem um terreno, o que pode significar um aviso sobre um local seguro para que os revoltosos se encontrem, tracem planos e fiquem seguros. Podemos observar também que ele diz que os problemas resultantes das ações dos revoltosos seriam perdoados por Jesus Cristo (“o filho do rei do céu pagará por todos”), ou seja, aconselha que os revoltosos

⁵⁴ O original: John the Miller hath ground small, small, small/ The king's son of heaven must pay for all/ Beware or there be woe/ Know your friend from your foe/ Have enough and then say "Ho!"/ And do well and better and flee sin/ And seek peace and hold therein/ And so bid John Truman and all his fellows. WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 162.

tomem as atitudes necessárias sem se preocupar com as consequências divinas, já que Jesus está ao lado deles, corroborando e encorajando todas as suas ações. Novamente, Ball usa uma argumentação divina para guiar e encorajar as ações dos camponeses, e mais uma vez fica demonstrada a importância da religião dentro desta sociedade, e o quanto ela é utilizada por ambos os lados. Ball ainda dá conselhos para aqueles que receberem esta carta tomem cuidado entre os seus, podendo indicar tanto que tenham cuidado com traidores dentro de suas fileiras como também de saberem distinguir quem são os reais inimigos dos comuns. Ele ainda dá duas instruções que parecem ser mais específicas ainda. Ao falar para que eles que “tenham o suficiente e depois gritem ‘ ho! ’”, talvez indique para que tenham cautela e busquem apenas aquilo que os satisfaça, nada mais ou menos. Já no fim da carta, ele os aconselha a que lancem John Trueman e seus companheiros, possivelmente fazendo alusão a algum plano já conversado em outra ocasião e indicando para o destinatário desta carta que é chegado o momento de sua realização.

Segundo Walsingham, Ball teria admitido a autoria desta carta e com esse e os outros crimes descritos acima, ele foi condenado. Ele foi arrastado pela cidade de St. Albans, enforcado e decapitado no dia 15 de julho, e segundo consta na crônica, na presença do próprio rei Ricardo. Seu corpo foi esquartejado e enviado para outras 4 cidades do reino. Como se pode ver, uma pena bastante dura por sua participação na Revolta, demonstrando não só a reação implacável da autoridade real, mas como bem o temor causado pelo levante camponês. Tal pena também indica que a participação de Ball nesta revolta teve um peso significativo, tendo em vista a brutalidade de sua execução e a presença do próprio Rei na mesma.

Outro líder rebelde e também membro do clero foi o padre John Wrawe, reconhecido como líder dos rebeldes em Essex, pelo qual Walsingham chamava pelo nome de Jack Straw. Segundo o tradutor da *Chronica Maiora*, David Prest, em uma nota de rodapé no ponto em que Walsingham cita Straw, atentado para o fato de que, na localidade a qual o autor se referia, o líder era Wrawe, padre não beneficiado e antigo vigário de *Ringsfield*, sendo a confusão do cronista compreensível tendo em vista a proeminência do nome “Jack Straw” e a utilização de pseudônimos por parte dos rebeldes.⁵⁵

Wrawe é acusado por Walsingham de ter participado das ações que resultaram na morte e na decapitação de John Cavendish, oficial de justiça chefe do reino, em *Bury St.*

⁵⁵ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 142.

Edmunds, e também, Wrawe estava liderando essas multidões rebeldes que “[...]seguiram o exemplo daqueles que se rebelaram em Londres, e entraram em uma agitação geral, destruíram as casas e propriedades de magnatas e advogados, mataram os aprendizes legais[...]⁵⁶. A John Wrawe é creditada uma carta de confissão que Walsingham reproduz em sua crônica, cujo conteúdo é o seguinte:

"Esta não é a ocasião", disse ele, "quando mentir é apropriado ou quando é certo proferir falsidades, especialmente quando percebo que, se eu mentir, meu espírito será atribuído a tormentos mais fortes, enquanto espero alcançar duplo benefício de dizer a verdade. Pois, se falo sem qualquer descoloração da falsidade, para começar, as minhas palavras beneficiarão o meu país e, depois da minha morte, prometeste ajudar-me com o seu apoio”.

"Quando nos reunimos em Blackheath e decidimos convocar o rei, nossa intenção era levar à morte súbita todos os cavaleiros, escudeiros e outros cavalheiros que estivessem presentes ao rei. E então teríamos levado o rei conosco de um lugar para outro, e mostrado a ele a todos os homens em seu esplendor real como um de nós, para que todos e especialmente as pessoas comuns, vendo isso, estivessem fadados a se reunir mais ousadamente para nós e nossos seguidores, quando viram que o próprio rei era o aparente originador de nossa rebelião. E quando tivéssemos reunido um sem-número de pessoas comuns de todas as partes da Inglaterra, teríamos de repente matado os nobres que poderiam ter se oposto a nós em palavras ou ações, com nosso principal e principal objetivo sendo o assassinato dos Cavaleiros Hospitalários. Finalmente, teríamos matado o rei e removido da terra todos os latifundiários, bispos, monges, cânones e reitores de igrejas. Somente a ordem mendicante teria sido deixada viva sobre o chão, e eles teriam sido suficientes para celebrar a missa e distribuir o pão para toda a terra”.

“E como ninguém mais importante, mais corajoso ou mais sábio do que nós teria ficado vivo, teríamos estabelecido, da forma que nos agradasse as leis pelas quais nossos súditos teriam sido regulados. Pois teríamos criado nossos próprios reis e colocado em nossa cabeça Wat Tyler em Kent e outros indivíduos nos vários condados. Mas como esses planos estavam sendo bloqueados pelo arcebispo [Simon Sudbury], ele era o objeto particular de nosso ódio e nós rapidamente nos esforçamos para matá-lo. Além disso, na noite do dia em que Wat Tyler foi morto, por causa do apoio que recebíamos das pessoas comuns de Londres e especialmente dos mais pobres, planejamos incendiar a cidade em todos os quatro lados, de repente queimá-la ao chão e compartilhar entre nós como nos agradasse todas as coisas preciosas que

⁵⁶ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 142.

encontrássemos. Isso”, ele acrescentou, “era o que planejamos fazer, então me ajude, Deus, agora que termino a minha vida”.⁵⁷ (TRADUÇÃO NOSSA)

Hilton classifica essa declaração como duvidosa⁵⁸, e o próprio tradutor da crônica, David Preest, atesta em nota de rodapé que

sua suposta confissão que segue essa passagem deve ser pura invenção. Walsingham usa a confissão para sublinhar sua visão parcial e altamente preconceituosa da revolta, cuja responsabilidade ele deposita firmemente nos pés de seu ódio já antigo - os frades mendicantes. Dado o seu comportamento em relação a ele em Mile End e Smithfield - o que é bem atestado - é improvável que os rebeldes tivessem intenção de assassinar o próprio rei, mas pode ser que Walsingham dê uma representação justa dos rumores que circularam durante e na sequência imediata da revolta.⁵⁹

Ou seja, embora essa confissão seja colocada em dúvidas quanto a sua veracidade original, a narrativa que Thomas Walsingham nos passa dá a provável impressão que se tinha no senso comum da população inglesa após a derrocada do levantamento, ou ao menos, o que pensavam aqueles que eram os alvos dos rebeldes, como o próprio Walsingham e seus semelhantes.

Ainda segundo Walsingham, Wrawe teve como pena a decapitação e sua cabeça colocada sob a ponte de Londres ao lado de Wat Tyler⁶⁰.

⁵⁷ WALSHINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 147-148.

⁵⁸ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 290-291.

⁵⁹ WALSHINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 147.

⁶⁰ WALSHINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 148.

CAPÍTULO III – A REVOLTA CAMPONESA DE 1381

A Revolta Camponesa de 1381 entrou para a história como uma das grandes revoltas do período medieval, senão a maior. Ao lado das *Jacqueries* francesas e de outras revoltas mais efêmeras, ela nega o caráter passivo ao campesinato e às classes baixas durante o medievo. No primeiro capítulo deste trabalho, abordamos de forma geral o contexto em que a revolta estava inserida, focando no impacto da Guerra dos Cem Anos e da Peste Negra para o estopim do movimento campesino. Neste terceiro e último capítulo, abordaremos de forma mais detalhada as suas causas, motivações, suas exigências, as negociações entre rebeldes e a Coroa Inglesa, além do desenrolar dos acontecimentos, a composição geral das forças campesinas e a contraofensiva dos senhores e da Coroa.

3.1 – LOCALIZAÇÃO ESPACIAL DA REVOLTA

Antes de mais nada, se faz necessário examinar dois pontos pertinentes: O local e o momento em que tal evento aconteceu. O levante campesino vai ter como seu foco, seu epicentro, a região conhecida como *East Anglia*, Ânglia Oriental, na costa leste inglesa, hoje região que compreende os condados de *Suffolk* e *Norfolk*, e os *Home Counties*, como são chamados os condados que fazem vizinhança com Londres, embora nem todos sejam fronteira a ela, incluindo condados da região de *Suffolk* e *Norfolk*, como *Cambridgeshire*, *Hampshire* e *Oxfordshire*.

Porém, a revolta não se delimitou a essas localidades, tendo ocorrido elevações por todo o território de caráter campesino, mesmo que com menor impacto, intensidade ou até mesmo organização, conforme afirma Hilton, “o foco principal da revolta era a Ânglia Oriental e os *Home Counties*, embora haja ecos de descontentamento em outros lugares.”⁶¹ Conflitos urbanos também surgiram paralelos ao levantamento campesino, e de acordo com Hilton:

alguns conflitos urbanos, mesmo sendo violentos, não tiveram qualquer relação com a rebelião rural, embora tenham se desenvolvido em uma grande área geográfica: York, Winchester, Bridgwater, Beverley e Scarborough. Mas nos casos de Londres, Saint Albans, Bury Saint Edmunds e, possivelmente, Canterbury e Cambridge, parte do elemento urbano rebelde estava intimamente associado à insurreição rural e,

⁶¹ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 217.

consequentemente, se encontrava em rebelião aberta não apenas contra o senhor ou oligarcas locais, mas contra o próprio poder real.⁶² (TRADUÇÃO NOSSA)

Ou seja, por diversos lugares, rebelião e insurgência se encontravam em estado de ebulição, como também mostra este mapa abaixo:



Focos de rebelião durante a Revolta Camponesa de 1381

⁶² HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 245-246.

Thomas Walsingham, em sua obra, descreve acontecimentos em várias dessas regiões em insurgência, com principal ênfase em Saint Albans, sendo ele um monge beneditino proveniente desta cidade.

3.2 – AS CAUSAS

A revolta vai ocorrer durante o ano de 1381, mais precisamente entre o final de maio e o fim de julho. O estopim para a revolta campesina será a instauração de um novo recolhimento de impostos autorizado pelo rei Ricardo II em finais de 1380. Segundo Hilton, no final de maio, vão ocorrer assembleias massivas de camponeses tanto em Northampton quanto em Kent e Essex sobre esta questão, sendo que as forças campesinas iniciarão suas marchas na primeira semana de junho. Sobre o momento da revolta, Ormrod afirma que:

aqueles que marcharam em Londres durante a Revolta dos Camponeses de 1381 podem ter achado que era mais fácil desafiar um grupo de ministros que se julgava estar abusando do poder extraordinário que lhes era conferido durante a menoridade (do Rei Ricardo) do que enfrentar um rei adulto totalmente responsável por seu próprio regime.”⁶³ (TRADUÇÃO NOSSA)

Ou seja, para Ormrod, além de todo o contexto para o estopim da revolta, a menoridade do rei pode ter sido um ponto considerado no “timing” da revolta campesina. Se foi ou não considerado, permanece no campo especulativo. Sobre a nova taxa, que serviu de estopim para a eclosão da revolta, Walsingham escreveu o seguinte:

Então, tomando conselho de antemão, eles conseguiram o parlamento em Northampton e durante este parlamento, é claro, conseguiram que Kirkby fosse arrastado e enforcado, com o povo de Londres reduzido a ser espectador de tudo o que estava acontecendo. Eles também forçaram a cobrança de um novo imposto para ajudar o rei e particularmente aqueles que haviam sido enviados recentemente pela França para a Bretanha com Lorde Thomas de *Woodstock*. O imposto que exigiu terríveis ameaças para ser cobrado era de meia marca para cada religioso do sexo masculino que fosse sacerdote e a mesma quantia para cada religiosa do sexo feminino e também para padres seculares, e também um imposto de doze *pence* sobre homens, ambos casados e solteiros e também sobre as mulheres. Este imposto foi a causa de

⁶³ ORMROD, W. M. **Political Life in Medieval England, 1300-1450**. British History in Perspective. Macmillan Press, 1995, p. 11.

problemas inauditos na terra, como ficará claro a partir do que se segue.⁶⁴

(TRADUÇÃO NOSSA)

Nesse trecho, fica claramente exposta a correlação entre A Guerra dos Cem Anos e a eclosão do movimento campestre, uma vez que, a aplicação desta taxa foi uma necessidade direta de fundos para expedições em solo francês. Outro ponto de reflexão interessante é que, pelo menos desde do “Parlamento Bom” de 1376, havia um clima de tensão na política inglesa, o que este novo parlamento em Northampton fez agravar. Ainda sobre as causas mais próximas, os salários serão ponto crucial para entender essas tensões, que existem desde a instituição do Estatuto dos Trabalhadores de 1349. Sobre os motivos que levaram à eclosão do movimento, Hilton destaca:

O conflito de salários foi um dos que mais ativaram as tensões sociais ao longo dos trinta anos que precederam a insurreição, especialmente no sudeste, onde os trabalhadores assalariados eram um elemento importante da população mais baixa. No entanto, a julgar pelas suas ações, bem como por seus pedidos, foi a servidão e as questões derivadas dos direitos dos senhores sobre os colonos que mais pesavam nas queixas dos últimos. Essa foi a razão por trás da destruição dos documentos senhoriais, uma vez que as obrigações dos colonos eram especificadas nas relações senhoriais e, especialmente, nos documentos dos tribunais senhoriais. Tanto os senhores quanto seus administradores tinham o hábito de reunir nos arquivos judiciais os precedentes relativos às condições de posse, a serem usados em apoio aos direitos senhoriais. Os colonos, por outro lado, queriam destruir os precedentes e instituir um sistema completamente novo de posse.⁶⁵ (TRADUÇÃO NOSSA)

Ou seja, embora Hilton afirme que, dentre os motivos da eclosão estivessem a servidão e os direitos de posse sobre a terra como principais demandas, podemos afirmar com base em sua análise que o motivo maior do acirramento das disputas sociais na região foi sem dúvidas a questão salarial, que durante os 30 anos que separam o Estatuto dos Trabalhadores e a eclosão do movimento, manteve os ânimos em alta. Vale lembrar que este estatuto fazia com que os salários recebidos pelos campestres se mantivesse congelado no montante anterior à Grande Peste de 1348, buscando evitar a rotatividade dos trabalhadores pelo território inglês e o aumento substancial de seus salários, tendo em

⁶⁴ WALSHINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 117.

⁶⁵ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 204-205.

vista a escassez de mão de obra em relação à abundância de terras que se seguiu após o advento da Peste. Ainda tratando acerca das motivações da revolta, Hilton afirma:

Esses eram, então, os elementos mais importantes da tensão social nos anos que se seguiram à peste negra. Eles não constituíram por si só motivo suficiente para provocar uma rebelião geral, mas sem eles a rebelião não teria sido desencadeada. Outros fatores derivados da estrutura geral da vida social inglesa antes de 1381 devem ser observados. Os mais destacados foram, sem dúvida, a nova fase em que a guerra com a França entrou e a crise política dos anos 70. Mas, enquanto sabemos, graças aos documentos preservados, que as relações entre senhor e camponês a nível local foram feitas muito tensas devido à reação do povo, e que a execução do Estatuto dos Trabalhadores recaiu precisamente sobre os grupos sociais que se rebelaram em 1381, só podemos conjecturar sobre até que ponto os camponeses e os artesãos ficaram cientes das mudanças na sorte da guerra e dos escândalos de Westminster.

Os camponeses estavam, sem dúvida, conscientes das guerras travadas contra a França e a Escócia, assim como haviam sido muito antes de a chamada Guerra dos Cem Anos irromper em 1337. Além dos voluntários atraídos pela atração do saque e da aventura, os comissários especialmente designados para essa tarefa estavam empenhados em recrutar homens nas cidades e vilas. É difícil determinar se o governo conseguiu os soldados que queria ou se foram as comunidades que tiraram os marginalizados da localidade ou os que eram pobres demais para comprar sua isenção. O processo deve ter sido perturbador e muito oneroso, uma vez que as comunidades tinham que pagar pelos suprimentos daqueles que iam para a guerra. Além dos recrutados, homens de condição média iam e vinham mais voluntariamente no cortejo da nobreza local. Muitos dos que retornaram mostram evidências de terem sido membros da guerra em troca de certas condições: perdão de roubos e assassinatos, como uma recompensa por serviços militares prestados fora do país, foram documentados nos arquivos judiciais desde a época de Eduardo I. Se desconhecem os distúrbios causados pelos soldados que partiram para a guerra ou retornaram, mas é certo que as comunidades locais estavam cientes das campanhas estrangeiras, da marcha das mesmas e, acima de tudo, do seu custo.⁶⁶ (TRADUÇÃO NOSSA)

Aqui, novamente se verifica, pela análise de Rodney Hilton, a influência da Guerra dos Cem Anos na eclosão do movimento. Embora, como o próprio afirme, não se tenha condições de dimensionar o quanto as comunidades campesinas estavam cientes dos acontecimentos tanto na guerra quanto na corte, é possível inferir que eles estavam cientes do que acontecia no geral, e provavelmente conscientes da posição de revés em que se

⁶⁶ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 207-208.

encontrava a Inglaterra. Outro ponto que vale ser observado nesta citação é que o autor reafirma que, embora o conflito de salários não fosse por si só um motivo catalisador da rebelião, sem as tensões resultantes dele ela certamente não ocorreria, e com base no que fora analisado até agora, estamos de acordo, tendo em vista a influência do Estatuto dos Trabalhadores de 1349 e seus impactos na vida política inglesa.

Sobre o início da revolta, Thomas Walsingham descreve:

Por volta dessa época, o reino da Inglaterra experimentou uma súbita e grande catástrofe que se espalhou por todas as partes da terra. Nunca tinha sido ouvida antes em sua história e foi enviada como um castigo pelos seus pecados. [...] Pois em Essex os camponeses, a quem chamamos de "vilãos" ou "servos", juntamente com os outros compatriotas de lá, [...] juntaram-se em grande número e começaram a revolta, a fim de ganhar sua liberdade. Suas mentes estavam empenhadas em tornarem-se iguais aos seus mestres e nunca mais serem obrigadas a servir a qualquer homem. Para dar a seus planos uma maior chance de realização, homens de apenas duas aldeias, que eram os criadores e impulsionadores principais desse mal, começaram enviando mensagens imediatamente a todas as pequenas aldeias, perguntando a todos, aos anciãos e aos que estavam no auge da vida, pôr de lado todas as desculpas e ir ao encontro deles, equipados com armas o melhor que pudessem. Aqueles que se abstivessem de ir ou os ignorassem ou que desprezassem a ideia deveriam perceber que seus bens seriam saqueados, suas casas queimadas ou derrubadas, suas cabeças cortadas. Tais ameaças assustadoras obrigaram todos a correr para se juntar aos líderes. Eles deixaram para trás o trabalho do arado e a sementeira da semente na época devida, suas esposas e seus terrenos, e em pouco tempo um número tão grande havia sido reunido que eles contavam cerca de cinco mil dos mais pobres compatriotas e camponeses. Esses homens que se reuniram para buscar um reino estavam armados, alguns com bastões, alguns com espadas cheias de ferrugem, alguns apenas com machados, outros com arcos de uma idade venerável, feitos mais vermelhos do que o marfim antigo da fumaça do fogo, e com uma única flecha, a maioria com apenas uma pena. Entre mil desses homens não teria sido fácil ver alguém devidamente armado, mas, como eles fizeram um grande número, todos acreditavam que o reino inteiro não poderia resistir a eles. E para que pudessem se alegrar com a força fornecida por tropas adicionais, enviaram mensageiros a Kent para informá-los de suas esperanças e planos e convidaram os homens de Kent a se juntarem a eles para ganhar sua liberdade, ao considerar o melhor curso de ação e, finalmente, provocar mudanças no reino e seus maus costumes.

Quando os homens de Kent souberam de um acontecimento que muitas vezes desejaram e rezaram no passado, eles mesmos também, deixando de lado todo atraso, reuniram um grande grupo de pessoas comuns e camponeses, usando as mesmas

mentiras com as quais, como eu descrevi, os homens de Essex reuniram suas multidões e em pouco tempo levantaram quase todo o condado em uma revolta similar. Em seguida, eles bloquearam todas as estradas usadas pelos peregrinos a caminho de Canterbury, e parando todos os peregrinos, de qualquer classe, eles os compeliram a fazer um juramento: primeiro que permaneceriam leais ao rei Richard e seus comuns e não aceitariam nenhum rei que foi chamado 'João' (isto foi devido a sua antipatia por John [de Gaunt], duque de Lancaster, que através de seu casamento com a filha e herdeira [Constanza] de Peter [Pedro 'o Cruel'], outrora rei de Castela, chamou-se 'rei de Castela'); segundo, que eles deveriam estar prontos para vir e se juntar aos rebeldes, sempre que decidissem chamar por eles, e que eles deveriam persuadir todos os seus concidadãos ou aldeões a favorecer os rebeldes; em terceiro lugar, que não devem consentir ou concordar com quaisquer impostos a serem cobrados no reino no futuro, além do imposto de 15% que foi o único que seus pais e antepassados conheceram e aceitaram.⁶⁷ (TRADUÇÃO NOSSA)

Analisando esta citação, vemos primeiro a visão de Walsingham enquanto um religioso e espectador de tais eventos, atribuindo primeiramente a revolta campesina a punições divinas enviadas pelo próprio Deus cristão para a Inglaterra, por conta de seus pecados. Nota-se que, ao falar da revolta, ele diz que “nunca tinha sido ouvida antes em sua história” e podemos assim ter uma dimensão dos contornos da revolta. É interessante notar que Walsingham afirma que o desejo dos rebeldes, um deles em especial, é nunca mais ter que servir a outro homem, buscando possivelmente o fim da relação de servidão existente naquela sociedade. Segundo o cronista, na convocação de mais seguidores para o movimento, os revoltosos realizaram 3 juramentos, que devem ser analisados. O primeiro deles é que todos os revoltos deviam lealdade ao rei Ricardo II, uma característica desse movimento. Em todo o curso da revolta, os campesinos em nenhum momento aparentaram um ataque ao rei, mas sempre se colocaram leais a ele, inclusive colocando ele como um apoiador do movimento, conforme Hilton afirma que:

O lema dos rebeldes foi desde o início que "com o rei Ricardo e as pessoas verdadeiras". Durante toda a insurreição, o rumor insistiu, especialmente em *East Anglia*, que o movimento tinha aprovação real. As pessoas não foram capazes de compreender a verdadeira natureza da monarquia, mas essa falta de compreensão foi compartilhada com uma multidão de homens instruídos, como é o caso nos dias de hoje. Para eles, a monarquia era uma instituição que estava acima de indivíduos e classes, capaz de administrar justiça com imparcialidade. Admitiam que a vontade do rei podia ser determinada, de uma forma ou de outra, por seus assessores, de modo

⁶⁷ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 120-121.

que qualquer má medida política pudesse ser culpada (como a oposição aristocrática) pelo mau conselho de conselheiros indignos: por isso pediram a execução daqueles que consideravam traidores.⁶⁸

Ou seja, eles buscavam principalmente remover as más influências do entorno do monarca, como também se verifica na citação de Walsingham aonde se diz que não se aceitaria nenhum outro rei como o John de Gaunt, duque de Lancaster e um dos principais alvos da ira dos rebeldes. O terceiro juramento novamente atesta a importância dos impostos de 1380 na eclosão do movimento, aonde diz que os camponeses não devem concordar com nenhum novo imposto exceto aqueles que foram pagos pelos seus pais e antepassados. Esse juramento torna compreensível a perseguição aos legisladores e oficiais de justiça por parte dos rebeldes, tendo em vista que um de seus objetivos era restabelecer uma ordem legal supostamente vantajosa no passado, e quando não fosse possível um retorno a tal ordem, que ela fosse modificada conforme os anseios camponeses.

3.3 – OBJETIVOS DA REVOLTA

Quanto as propostas dos revoltosos, podemos verificar uma amplitude de pedidos que iam desde direitos de caça ao fim da servidão. Sobre isso, Rodney Hilton afirma:

Dentro do quadro simples de uma alternativa social, no programa dos rebeldes havia certas referências a questões imediatas, demandas de curto prazo, como diríamos agora. A primeira delas, à qual aludimos anteriormente, foi a execução dos traidores, os maus conselheiros reais que foram responsáveis pela captação e pela má administração da justiça. É provável que certas cláusulas das petições Mile End e Smithfield se refiram ao Estatuto dos Trabalhadores e sua aplicação, que foi uma das principais causas da fricção social existente. Assim, em Mile End, foi solicitado que ninguém fosse colocado a serviço de outra pessoa, a menos que o fizesse voluntariamente e por meio de um contrato escrito (taifé convencional). Isto parece referir-se à obrigação que o estatuto impunha a todas as pessoas fortes e saudáveis que possuíam um bovate de terra, ou menos, para trabalhar sob demanda e, em primeiro lugar, para seus senhores. O mesmo pode ser dito do pedido de Smithfield para que a proibição seja encerrada como um processo legal. A proibição foi o meio usado pelos tribunais para forçar aqueles que, tendo sido convocados, não compareceram perante o tribunal local após cinco convocações. Os diaristas que iam de cidade em cidade em busca de trabalho poderiam facilmente incorrer nessa situação. De acordo com Henry Knighton, outro pedido feito em Smithfield era tornar

⁶⁸ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 298.

comuns todas as reservas particulares de caça existentes nas áreas de águas, parques e florestas, para que tanto os ricos quanto os pobres pudessem caçar. Isso, como vimos, era um pedido de camponeses que havia sido formulado freqüentemente durante séculos, constituindo o conteúdo principal das cartas de franquia de Saint Albans.⁶⁹ (TRADUÇÃO NOSSA)

Analisando este trecho, em consonância com a crônica de Walsingham, podemos verificar os principais objetivos dos camponeses em revolta. Em primeiro lugar, a busca por perseguir as consideradas más companhias do rei, acusados de serem traidores e culpados pela captação de 1380, como já dito anteriormente, estopim que vai levar à eclosão do movimento. Essa é uma das petições a qual Walsingham atribui com mais frequência aos camponeses, tendo inclusive nomes de nobres perseguidos diretamente, como John de Gaunt, duque de Lancaster, que teve a sua casa incendiada pelos rebeldes em 13 de junho de 1381. Walsingham descreve esta ação:

Além de outros esquemas, encorajaram-se mutuamente a correr para o Savoy, a casa do duque de Lancaster [John de Gaunt], em sua beleza e grandeza a casa mais bonita do reino, e para incendiá-la e queimá-la até o chão. Isso seria um ato de desafio ao próprio duque, a quem chamavam de traidor, e colocaria medo nos outros traidores.

Este plano ganhou aceitação imediata do povo de Londres. Achavam particularmente desonroso que alguém, além de si, fizesse mal ou danificasse o duque, e então correram para o Savoy como loucos, atearam fogo na casa e entregaram-se à destruição do prédio. Eles queriam que fosse claro para as pessoas de todo o reino que eles não estavam fazendo isso por ganância, e então eles ordenaram que uma proclamação fosse feita para que ninguém, sob pena de morte, ousasse tocar em alguma coisa ou manter qualquer uma das coisas encontradas lá para seu próprio uso. Em vez disso, eles deviam esmagar com seus machados os inúmeros vasos de ouro e prata da casa e jogá-los no Tâmbisa ou nos esgotos. Os panos de ouro e os mantos de seda eram para serem rasgados em pedaços e pisoteados, e deviam moer nos pilões os anéis e outras peças de joalheria com pedras preciosas, para que ficassem doravante totalmente inutilizáveis. Estas instruções foram todas realizadas. Então, para garantir que eles não omitissem nenhuma maneira de envergonhar o duque, mas fizessem a ele todo o mal que pudessem pensar, eles pegaram sua peça pessoal mais cara, chamara de 'jaqueta', e a colocaram em uma lança que eles montaram como um alvo de tiro com arco. E quando eles não podiam causar dano suficiente atirando flechas,

⁶⁹ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 296.

eles a desmontavam e a cortavam em pedaços com seus machados e espadas.⁷⁰
(TRADUÇÃO NOSSA)

Também há colocada a questão da aplicação das justiças, que vai ser um outro ponto de petição campesina. A justiça durante o período medieval, como bem analisado e tipificado pelo medievalista francês Guy Fourquin, poderia ser aplicada pelo que se conhece como senhorios judiciários. Conforme Fourquin:

Existia toda uma hierarquia de ‘senhorios’, concentrados ou não nas mãos do mesmo senhor. Devedor para com o senhor fundiário, o *tenancier* era súdito do senhorio judiciário exercido pelo personagem que tinha o direito de julgar pelo menos as causas de baixa justiça, mas também, frequentemente, questões de média e alta justiça. Tendo em conta que senhorio fundiário e senhorio judiciário eram facilmente acumulados pelo mesmo homem e que um simples senhor fundiário detinha a ‘justiça fundiária, a qual pouco diferia da baixa justiça.’⁷¹ (TRADUÇÃO NOSSA)

Ou seja, um senhor fundiário, senhor de terras, comumente acumulava também a função de senhor judiciário, e na Inglaterra, pelo que se apresenta nesta pesquisa, a situação não era diferente, e os camponeses ingleses buscavam a execução dos senhores que aplicavam a justiça de forma prejudicial às pessoas comuns.

O segundo ponto apresentado por Hilton no tocante às petições campesinas se refere diretamente ao Estatuto dos Trabalhadores, aonde os camponeses solicitam o fim da obrigatoriedade de aceitarem trabalhos solicitados por senhores mesmo que não quisessem, em conformidade com o disposto no Estatuto, ficando o trabalho a cargo da aceitação ou não do trabalhador e regido por contrato escrito. Rodney Hilton também afirma que “um dos pedidos era a concessão, da liberdade àqueles que estavam sujeitos a um regime de servidão, que era o que os rebeldes mais insistentemente apresentavam em negociações diretas com o rei e seus conselheiros”.⁷² Ou seja, embora os camponeses não fossem necessariamente revolucionários, a sua petição de liberdade aos que se encontravam na posição de servidão afetaria completamente todo o sistema em que se encontravam, causando uma verdadeira revolução ou até mesmo a implosão da sociedade senhorial medieval, conforme o próprio autor completa que:

⁷⁰ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 123.

⁷¹ FOURQUIN, Guy. **Senhorio e Feudalidade na Idade Média**. Lisboa: Edições 70. 1987, p. 164.

⁷² HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 296.

Se tal medida tivesse sido implementada, significaria um cataclismo social de consequências incalculáveis, especialmente quando foi colocado em relação ao pedido de terras arrendadas por dez *pence* por hectare. Isso significaria o fim da jurisdição, já que não haveria lugar para tributos ou serviços.⁷³ (TRADUÇÃO NOSSA)

Outra petição demonstrada por Hilton se refere às reservas de caça. Os camponeses pediam que tais reservas fossem compartilhadas por todas as pessoas de forma igual, ricos e pobres, e segundo Hilton, este era um pedido já antigo dos camponeses.

3.4 – A COMPOSIÇÃO SOCIAL DAS FORÇAS CAMPESINAS

A composição social das forças em levante no ano de 1381 se demonstrou bastante diversa, tendo em suas fileiras camponeses, pequenos senhores de terra livres, trabalhadores livres burgueses e inclusive representantes do baixo clero. Segundo Rodney Hilton:

“[...]a composição dos exércitos rebeldes deve ter sido uma amostra representativa da sociedade rural, mas, salvo algumas exceções, de posição inferior à nobreza, fidalgos, juristas e eclesiásticos beneficiados. Na medida em que podemos recorrer a categorias sociais medievais, foi uma revolta, com ampla base popular, do estado plano (exclusão feita dos mercadores capitalistas de Londres) contra os outros dois componentes da sociedade tripartida da Idade Média, e não um movimento de todos os grupos sociais contra uma panelinha dominante. Não há a menor indicação de que uma aliança entre os rebeldes e qualquer um dos grupos que desempenham um papel importante no jogo político estabelecido seria acordada; em outras palavras, nem amigos, nem apologistas, nem no Parlamento nem nas assembleias clericais”⁷⁴. (TRADUÇÃO NOSSA)

Quanto as lideranças, recorremos à Walsingham:

“Se alguém tiver prazer em conhecer os nomes daqueles que foram os instigadores e os líderes dos bens comuns, ele os encontrará incluídos aqui em parte. O principal e mais importante líder era chamado Wat Tyler, ou, como dizem alguns, Wat Helyer, o segundo Jack Straw, o terceiro John Kirkby, o quarto Alan Threader, o quinto Thomas Scot e o sexto Ralph Rudge. Tyler, no tempo de sua liderança, investiu muitos dos rebeldes com muitas posses. Estes e vários outros foram os líderes em Kent e Essex.

⁷³ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 297.

⁷⁴ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 292-293.

Dos rebeldes que ficaram loucos em Mildenhall e Bury St Edmunds, Robert Westbourne foi o segundo no comando depois de Jack Straw [isto é, John Wrawe]. Na verdade, ele havia se nomeado seu rei, porque Jack era um sacerdote, como eu disse, ele não estava disposto a colocar coroa sobre a coroa e estava contente o bastante com a única coroa que ele tinha como sacerdote e deixou o nome de rei e a coroa para Robert assumir se ele desejasse. E em North Walsham John [i.e, Geoffrey] Lister usou o nome e o poder de um rei, como eu disse⁷⁵. (TRADUÇÃO NOSSA)

Tyler é comumente chamado como o principal líder rebelde, seguido do padre John Ball já citado anteriormente, porém Hilton destaca que a revolta foi caracterizada por um extremo localismo, e que os rebeldes não seguiam nenhum plano pré-concebido, mas que recorriam à ajuda de rebeldes de outras localidades, evidenciadas nos pedidos de ajuda a Tyler após os sucessos iniciais do mesmo em Londres.⁷⁶ Além disso, as ações dos diversos grupos em revolta, segundo Hilton, se mantiveram principalmente a nível do condado, e tais ajudas mútuas e ligações entre os líderes dos diversos grupos não tiveram tempo de se tornar uma organização consolidada antes que a Coroa e seus aliados se reorganizassem e partissem para a contraofensiva.⁷⁷

Percebe-se nas ações dos rebeldes que não se negava a autoridade real, e desde o início do movimento que eles buscam audiências com o rei Ricardo II para tratar de suas petições. Os camponeses não parecem ter em nenhum momento tentado em subverter o poder real na forma de um embate, mas buscaram e realizaram encontros com o próprio rei e seus representantes, em Mile End e em Smithfield, aonde o próprio Wat Tyler vai ser morto. Por outro lado, os camponeses utilizaram a violência como forma de fazer valer os seus desejos, principalmente contra aqueles que estavam ligados à legislação e aqueles considerados como maus conselheiros do rei, como o exemplo de John de Gaunt que teve seu palácio incendiado⁷⁸.

⁷⁵ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 147

⁷⁶ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 290.

⁷⁷ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 291.

⁷⁸ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 123.

3.5 – A REAÇÃO E A CONTRAOFENSIVA DA COROA INGLESA

Diante da eclosão repentina do movimento campestino, a primeira reação da Coroa Inglesa foi a de cessão de suas petições até aonde poderiam aplacar ou ao menos diminuir a fúria popular, e se dispôs a encontrar com os líderes rebeldes com a intenção de negociação, como já mencionado anteriormente, em Mile End e Smithfield. Sendo assim, Ricardo II enviou determinadas cartas de franquia (ou manumissão) pedidas pelo campestinos dos diversos condados em revolta, como estas que Walsingham transcreve em sua crônica referente aos camponeses de Hertford:

"Richard, pela graça de Deus rei da Inglaterra e da França e senhor da Irlanda, envia saudações a todos os seus oficiais de justiça e súditos leais a quem esta carta vem. Nós lhes informamos que de nossa graça especial nós alforriamos todos e cada um de nossos servos e súditos e outros do condado de Hertford. Nós libertamos absolutamente todos eles de toda servidão, e nós os liberamos através desta carta. E nós também concedemos perdão aos nossos mesmos servos e súditos por todos os crimes, traições, malfeitos e roubos cometidos e perpetrados de qualquer maneira por eles ou por qualquer um deles. E anulamos qualquer ato ou ato de ilegalidade se algum deles tiver sido promulgado contra eles ou contra qualquer um deles como resultado desses acontecimentos. Nós nos estendemos a todos e cada um deles, absolutamente todos eles, nossa completa paz deste dia em diante. Como testemunho disso, recebemos estas cartas com a nossa patente. Testemunhada por mim em Londres, no dia quinze de junho do quarto ano do meu reinado".⁷⁹ (TRADUÇÃO NOSSA)

Na carta acima, podemos ver o rei concedendo a liberdade dos campestinos no tocante à servidão, uma de suas principais petições. A jogada da Coroa foi obviamente uma tentativa de dispersar a multidão revoltosa, concedendo seus desejos enquanto buscava formar expedições militares mais organizadas e fortes para retomar o controle da situação, o que foi feito o mais rápido possível. Sobre estas cartas, Hilton afirma que "era fácil para o rei e sua comitiva conceder cartas de alforria aos condados, e igualmente fácil de rescindi-los, uma vez que as forças da 'lei e ordem' dominassem a situação e comesçassem a repressão"⁸⁰. Essa atitude é demonstrada quando, após a contraofensiva real já estar em

⁷⁹ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 131.

⁸⁰ HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglés de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978 p. 297.

curso, Ricardo II responder as petições posteriores dos rebeldes de *Essex* sobre se teriam de fato a liberdade da servidão, enviadas por mensageiros dos camponeses:

"Vocês, pessoas miseráveis, odiadas na terra e no mar, que não merecem viver, estão pedindo para serem iguais aos seus senhores. Não há dúvida de que vocês teriam sido punidos por uma morte muito vergonhosa, se tivéssemos decidido não observar os direitos dos enviados. Mas, porque vocês se aproximaram de nós como enviados, por enquanto vocês não morrerão, mas gozarão a vida, contanto que vocês nos comuniquem com sinceridade a seus companheiros rebeldes. Então, dê a eles essa mensagem do rei.

"Camponeses vocês eram e camponeses você são. Vocês permanecerão na servidão, não como antes, mas em um estado incomparavelmente pior. Enquanto estivermos vivos para conseguir isso e pela graça de Deus governar este reino, trabalharemos com nossas mentes, poderes e posses para mantê-los em tal sujeição que o estado abjeto de sua servidão pode ser uma lição objetiva para a posteridade, e que agora e no futuro homens como vocês poderão sempre ter diante de seus olhos, como se em um espelho, suas misérias, como um motivo para amaldiçoá-los e por temerem cometer crimes semelhantes.

"Mas vocês que vieram como mensageiros, se, quando tiverem cumprido nosso mandato e o ofício de sua embaixada, decidirem voltar para nós e permanecerem fiéis em sua lealdade a nós, vocês viverão. Então, quando vocês retornarem aos seus companheiros e executarem nossos mandamentos, vocês escolham o curso que vocês decidem que é o melhor"⁸¹. (TRADUÇÃO NOSSA)

Nesta citação, fica evidente a mudança no curso das negociações conforme as forças reais se organizam e começa a repressão ao movimento. Destaque para a linha aonde o rei diz que "camponeses vocês eram e camponeses você são. Vocês permanecerão na servidão, não como antes, mas em um estado incomparavelmente pior", deixando claro que, não só as cartas emitidas anteriormente não teriam validade, como também dando o aviso de que a partir desse momento a servidão se intensificaria, em resposta à tentativa de levante por parte dos camponeses, e que os mesmos deveriam se conformar com a sua condição,

⁸¹ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 153.

afinal, nas palavras do rei, eles sempre foram camponeses e sempre seriam, e a Coroa faria questão de garantir essa condição.

A realeza logo enviou cartas revogando as liberdades dadas nos primeiros momentos da revolta, como demonstrado neste trecho por Walsingham:

“Richard, pela graça de Deus rei da Inglaterra e da França e senhor da Irlanda, envia saudações a todos a quem esta carta chegou. É verdade que, recentemente, durante o tumulto odioso causado pelas ações horríveis de alguns de nossos servos e súditos que se levantaram em revolta contra a nossa paz, certas cartas nossas foram emitidas por insistência daqueles rebeldes que declararam que nós manumitimos todos os nossos fiadores e súditos, tanto os comuns e outros dos outros condados do nosso reino da Inglaterra, e que também libertados e dispensados de toda servidão e sujeição cada um dos destinatários. E também que nós concedemos a estes mesmos servos e súditos de nosso perdão pelas revoltas de todo tipo levantadas por eles contra nós enquanto cavalgavam e marchavam por todo o nosso reino com homens armados e arqueiros e homens equipados por outros meios e com estandartes e bandeiras esvoaçando. E também que, em relação a todas as traições, roubos, crimes e roubos cometidos e perpetrados por eles ou por alguns deles, e em relação a qualquer ato ou ato de ilegalidade que possa ter sido promulgado contra eles como resultado desses acontecimentos, nossa paz foi firmemente dada a eles como um corpo e como indivíduos. E que desejamos que esses mesmos fiadores e súditos nossos sejam livres para comprar e vender em qualquer uma das cidades, bairros, cidades-mercado e outros lugares dentro do reino da Inglaterra. E que nenhum acre de terra nos condados, que era mantido por servos ou fiadores, deveria ser mantido por mais de quatro centavos, e que se algum tivesse sido detido por menos, o preço não deveria ser aumentado no futuro.

Mas em vista do fato de que essas cartas foram enviadas indevidamente de nossa corte e sem consideração plena, e ponderando o fato de que as concessões contidas nas cartas claramente causaram o maior dano a nós e à nossa coroa, e deserdaram não só nós e os bispos, senhores e magnatas do nosso reino, mas também a sacrossanta Igreja inglesa, enquanto causamos perdas e problemas a todo o estado, seguindo a recomendação de nosso conselho nós revogamos, anulamos, invalidamos, tornamos nula e vazias as referidas cartas e qualquer coisa que foi feita como resultado delas, e nós revogamos, anulamos, invalidamos e tornamos nulas e vazias essas cartas. Não é nosso desejo que alguém, de qualquer classe ou condição, deva, de alguma forma, ter ou ganhar liberdade ou qualquer benefício dessas cartas. Pois, por mais que nossos súditos individuais tenham se colocado sob confisco em massa, agindo contra os termos de sua escravidão, é nosso desejo e intenção, com a recomendação sensato de nosso conselho, de conceder-lhes para o futuro tal graça que seja agradável a Deus e útil a nós e a nosso reino e com a qual nossos súditos leais se considerem

razoavelmente satisfeitos. Na presente carta, notificamos esta decisão a todos os que possam interessar.

[...]Além disso, é nosso estrito comando que todo homem livre e servo deve, sem qualquer argumento ou resmungar e sem fazer qualquer tipo de resistência ou dificuldade, realizar, assim como costumavam fazer, os trabalhos e tarefas costumeiras de servidão que lhes são devidas para nós ou seus outros senhores, como eles estavam acostumados a fazê-los antes que os problemas começassem. Também damos ordens a essas mesmas pessoas que, durante esses tempos de rebelião, não devem se retirar mais do que o normal das tarefas habituais e das tarefas de servidão mencionadas acima, nem fazer qualquer desculpa para nós ou seus senhores por demorarem a fazê-las. Nem são eles para exigir, reclamar ou clamar por quaisquer outras liberdades e privilégios que não sejam aqueles razoavelmente possuídos antes dos problemas.

E que aqueles que têm em sua posse e guardam em segurança nossas cartas de manumissão e perdão, devam devolvê-las imediatamente e restaurá-las em nossas mãos e as de nosso conselho para que sejam canceladas, sob a lealdade e fidelidade que nos devem e sob o confisco de todas as coisas que podem ser confiscadas por eles no futuro. Como testemunho disso, escrevemos estas cartas de patente. Assinado por mim, em Chelmsford, no segundo dia de julho, no quinto ano do nosso reinado”⁸².

Assim como o uso das cartas para dispersão do movimento, a Coroa apressou-se para agrupar o maior número de homens possíveis para debelar o levantamento campesino, segundo Walsingham após a morte de Wat Tyler, como mostra esta passagem:

“Depois disso, o rei mobilizou um exército dos cidadãos de Londres e enviou mensagens por toda a terra de que aqueles que amavam o rei e sua honra real deveriam rapidamente se juntar a ele em Londres, equipados com armaduras e montados em cavalos: ninguém deveria vir desarmados ou a pé, e aqueles que não têm armas deveriam permanecer em casa, e também aqueles que não têm cavalos. E aconteceu que dentro de três dias o rei tinha ao seu redor uma força que equivalia a quarenta mil cavaleiros, todos muito esplendidamente armados. Todos os dias ele ia até Blackheath para contar o número de chegadas, o próprio rei à frente de suas tropas, montado num

⁸² WALSHINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 155-156.

grande cavalo de batalha, com o estandarte real sendo levado à sua frente. Ele se alegrou em ser visto por seu exército e ser reconhecido por seus homens como seu senhor.

Depois que essa força maciça foi montada, um exército maior do que jamais havia sido visto na Inglaterra antes, o rei ouviu que os homens de Kent haviam se revoltado novamente e, uma segunda vez, reuniram suas bandas perversas para destruir todo o reino. Para resumir, o rei ficou indignado, o exército estava branco de raiva, e decidiram partir imediatamente para Kent e remover do mundo dos vivos toda a raça de homens e jutos de Kent. Mas, com a intervenção dos senhores e nobres de Kent, que ficaram indignados com os comuns, o rei e os que estavam com ele mudaram de idéia com relação ao castigo que haviam dito de infligir a todos aqueles ignorantes. E então pela primeira vez oficiais de justiça foram enviados para manter tribunais e julgar os malfeitores, e especialmente aqueles que tinham sido responsáveis por inflamar e despertar a turba de Kent. Todo o condado ficou em silêncio à vista desses juízes, e houve grande medo.

Então o prefeito de Londres [William Walworth], que também estava julgando, prendeu não só os malfeitores de Londres, mas também todos os que poderiam ser presos de Kent, Essex, Sussex, Norfolk, Suffolk e outros condados onde havia comuns dentro da liberdade da cidade de Londres. Ele corajosamente levou-os a julgamento público e decapitou todos aqueles que ele encontrou manchados com a traição que descrevi⁸³.

Além dos julgamentos, as forças reais e a nobreza em contraofensiva perseguiram e assassinaram milhares de camponeses que participaram da revolta, conforme Walsingham atesta em sua crônica. O destino dos principais líderes também é relatado por Walsingham. Como dito anteriormente, John Ball e John Wrawe, os dois clérigos mais conhecidos da revolta, serão decapitados, e terão partes de seus corpos expostos pelo reino, com Ball sendo antes arrastado pela cidade. Wat Tyler será morto durante as negociações com a Coroa em Smithfield pelo prefeito de Londres, William Walworth e

⁸³ WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 150-151.

seus ajudantes⁸⁴ e terá sua cabeça exposta na ponte de Londres, ao lado de Wrawe⁸⁵. John Lister, líder rebelde em Norfolk, por sentença do bispo de *Norwich*, também recebe a pena de ser arrastado, enfocado e decapitado⁸⁶, John Starling de *Essex*, que havia participado da decapitação do bispo Sudbury, também teve como sentença a decapitação⁸⁷, assim como a maioria dos principais líderes camponeses.

⁸⁴ WALSHINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 129.

⁸⁵ WALSHINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 148.

⁸⁶ WALSHINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 147.

⁸⁷ WALSHINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Priest, David (trad.). Woodbridge: The Boydell Press, 2005, p. 151.

CONCLUSÃO

O objetivo geral deste trabalho de monografia para a conclusão de curso consistia em analisar a Revolta Camponesa de 1381 na Inglaterra e suas nuances, em como o campesinato inglês medieval agiu para demonstrar a sua insatisfação com a condição em que se encontrava, buscando entender o movimento de uma forma geral. Os objetivos específicos: analisar a atuação e importância do padre John Ball; analisar as formas de negociação e resistência do campesinato perante a Coroa Inglesa e analisar as formas de controle e dominação exercidas pelo rei e pela monarquia da Inglaterra acerca do movimento campestre.

Analisando o movimento campestre de uma forma geral, a primeira constatação que nos fica evidente é que se tratou de um movimento que em seu discurso, e de certa forma e suas ações, em nenhum momento buscou retirar o rei Ricardo II do trono, ou se assumiu ser contra a monarquia. Ou seja, no discurso, ou na intenção, se podemos assim dizer, os campestres não seria “revolucionários”, não buscavam uma espécie de revolução feudal, e muito pelo contrário, afirmavam constantemente estarem defendendo o rei de suas más influências, e que eram o “verdadeiro povo ao lado do rei Ricardo”. Porém, concordando com a análise de Rodney Hilton a esse aspecto, se os pedidos dos campestres realizados nos encontros de negociações com o rei tivessem sido acatados e realizados, fatalmente se teria produzido uma revolução naquele sistema, e conseqüentemente, aquele sistema deixaria de existir como era até então. Os pedidos dos campestres pelo fim da servidão, o fim da justiça senhorial, iriam de encontro frontal com toda a lógica da sociedade senhorial em que viviam, em dois pontos cruciais do mesmo, o que provocariam um colapso em seu funcionamento. Se no discurso e na teoria se houvesse uma busca por objetivos práticos e pragmáticos por parte dos campestres, tais objetivos sendo alcançados levariam a mudanças estruturais naquele sistema, ou seja, uma revolução.

Ao analisarmos a atuação do padre John Ball, as informações narradas por Walsingham em sua crônica e a bibliografia especializada, verifica-se que de fato o padre exerceu uma influência considerável na revolta, sendo colocado com um dos principais líderes da mesma, ao lado de Wat Tyler. A frase mais conhecida de seu sermão mais famoso, “Enquanto Eva arava e Adão caçava, quem então era o senhor? ”, que serviu de ponto de partida e inspiração para este trabalho, mesmo sendo colocada em dúvidas quanto a sua originalidade por Rodney Hilton, atestando que ideias e frases semelhantes já circulavam a pelo menos um século, ainda assim faz do seu sermão um grande questionamento à

aquela sociedade tripartite que se conhecia até então (Os que rezam, os que guerream e os que trabalham), e junto com o restante de seu sermão, demonstra a radicalidade do pensamento de Ball em busca de uma sociedade igualitária dentro de uma ideia de um cristianismo primitivo e mais simples, em contraste com a situação da Igreja naquele período, cada vez mais poderosa e como a instituição mais rica até então conhecida. Seu discurso, baseado na argumentação divina, certamente encorajou milhares de camponeses a pegarem em suas armas e buscarem seus objetivos frente aos seus senhores.

No tocante às formas de negociação dos camponeses, é possível identificar dois meios paralelos: o uso da força e da violência na perseguição aos inimigos dos mesmos, isto é, os maus conselheiros do rei, senhores ligados à captação de impostos sobre os camponeses e todos aqueles ligados a este problema ou à legislação, como advogados, juristas, oficiais de justiça entre outros; e as negociações diretas com o rei, chefiadas por Tyler em Mile End e Smithfield. Verificam-se duas atitudes distintas nas ações camponesas, como já dito anteriormente, sendo uma delas o ódio a todos aqueles que eram considerados inimigos do povo comum, os maus conselheiros reais e os envolvidos com a legislação vigente que prejudicava os camponeses e o povo, e a outra atitude sendo uma espécie de blindagem ao rei, a todo momento tentando colocá-lo ao lado do movimento e como sendo traído pelos conselhos ruins dos senhores que estavam ao seu redor.

A monarquia inglesa vai responder também com duas atitudes distintas, sendo que no primeiro momento a Coroa vai buscar negociar com os camponeses em rebelião e conceder parte de suas petições, como as cartas de franquia e de liberdade assinadas pelo Rei Ricardo, provavelmente como uma forma de agradar os mesmos e encorajar a sua dispersão. A comitiva real vai se encontrar com os camponeses e negociar abertamente até que tenha força e organização suficiente para a contraofensiva. A partir daí, veremos a segunda atitude da monarquia e da nobreza inglesa, que é a perseguição e repressão implacável aos camponeses, bem como a revogação de todas as cartas concedidas nas primeiras negociações, culminando com o julgamento de vários participantes da revolta e na perseguição e morte de tantos outros durante os momentos de repressão.

Referências bibliográficas

CAMPBELL, Bruce Mortimer Stanley. **The Land**. In: HORROX, Rosemary; ORMROD, William Mark (org.). **A Social History of England, 1200-1500**. Cambridge University Press, 2006.

COSTA, Ives Leocelso Silva. **Guerra e Conflito Social no Século XIV: A Jacquerie (1358) e a Revolta Camponesa de 1381**. In: **Anais do 10º Encontro de História: Memórias e Biografias no Brasil Republicano**. Maceió, AL, 11 a 14 de setembro de 2018 / Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Curso de História, Tomo II, Maceió: UFAL, 2018, pp. 62-68.

DUFFY, Eamon. **Religious Belief**. In: HORROX, Rosemary; ORMROD, W. Mark (org.) **A Social History Of England, 1200-1500**. Cambridge University Press, 2006.

FOURQUIN, Guy. **Senhorio e Feudalidade na Idade Média**. Lisboa: Edições 70. 1987.

GUERREAU, Alain. **Feudalismo**. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. Vol. I. Bauru/ São Paulo: EDUSC/ Imprensa Oficial. 2002.

_____. **Feudalismo: Um horizonte teórico**. Lisboa: Edições 70, 1982.

HILTON, Rodney. **Siervos Liberados**. Los Movimientos Campesinos Medievales y el Levantamiento Inglês de 1381. 1.ed. Madrid: Siglo XXI De España Editores, 1978.

HORROX, Rosemary. **The Black Death**. Manchester University Press, 1994.

ORMROD, W. M. **Political Life in Medieval England, 1300-1450**. British History in Perspective. Macmillan Press, 1995.

ROGERS, Clifford J. **The Hundred Years War (1337-1453)**. In: MARTEL, Gordon (Ed.). **The Encyclopedia of War**. Oxford: Blackwell, 2012.

WALSINGHAM, Thomas. **The Chronica Maiora of Thomas Walsingham, 1376-1422**. Tradução de David Priest. Woodbridge: The Boydell Press, 2005.